



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Imigrantes brasileiros em terras escocesas: um olhar sobre os processos adaptativos, aculturação e idadeismo no envelhecer.

Gabriela Panfili Menicucci

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:

Ph.D. Sibila Fernandes Magalhães Marques, Professora Auxiliar,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2024



CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANAS

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Imigrantes brasileiros em terras escocesas: um olhar sobre os processos adaptativos, aculturação e idadismo no envelhecer.

Gabriela Panfili Menicucci

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:

Ph.D. Sibila Fernandes Magalhães Marques, Professora Auxiliar,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2024

*“Ser imigrante não é deixar a terra.
É levar a terra consigo.”*

Saramago

Ao meu filho, Luca Menicucci Murta.

Agradecimento

Agradeço à Professora Sibila, pela sua disponibilidade, afeto e partilhas durante a construção dessa dissertação. Obrigada por ter acreditado nesse trabalho e em mim.

Agradeço ao ISCTE, e a todos os docentes e funcionários.

Agradeço aos voluntários que participaram da minha pesquisa, pela disponibilidade e confiança.

Agradeço à minha família, que sempre me incentivou e esteve comigo em todos os momentos da minha vida, tenho muito orgulho de carregar em meu nome e na minha história os “Panfilis” e os “Menicuccis”. Em especial, à minha mãe, Vera Lucia, que me ensinou os valores mais preciosos da vida; e ao meu pai Rômulo que me protege, me guia e me guarda; às minhas irmãs Isabella e Carolina que me ensinaram e me ensinam muito sobre a vida, à Terezinha por todo o amor e cuidado, à Suzana, que me incentiva com muito amor, à minha avó Ítala, meu maior exemplo de coragem e resiliência e aos meus sobrinhos Beatriz, Aurora, Arthur e Elis por me fazerem entender mais sobre o amor.

Agradeço à Lisboa, cidade que mora no meu coração, por ter sido um abraço acolhedor na difícil tarefa de fazer um intercambio dentro de um processo de imigração.

Agradeço à Escócia, a minha casa escolhida no mundo.

Aos meus amigos do Brasil, de Portugal e da Escócia que tornam a caminhada mais leve.

Aos meus pacientes, que me fazem crescer como psicóloga, como pessoa e me inspiram com suas histórias de vida.

Ao meu amor, André Murta, meu marido, minha família, melhor amigo, meu parceiro de imigração e meu maior incentivador. Esse mestrado seria impossível sem ter as suas mãos segurando as minhas. Pois quando eu não tinha mais forças, foram as suas palavras e o seu olhar que me deixavam forte novamente.

Agradeço ao meu filho, Luca Menicucci Murta, que tem acompanhado a escrita dessa dissertação de um lugar privilegiado e me faz acreditar no amanhã mais bonito.

Agradeço a proteção divina que me acompanha em toda a minha trajetória.

E a todos que passaram durante a minha vida e me tornaram uma Gabriela mais forte e pronta para o mundo.

Resumo

Este estudo investiga os processos adaptativos, aculturação e idadismo dentro do fenômeno da migração, busca-se compreender como que os imigrantes brasileiros na Escócia vivenciam barreiras e facilitadores na imigração, como se aculturam e como observam o próprio processo de envelhecimento.

Trata-se de uma investigação qualitativa, na qual foram realizadas 17 entrevistas semiestruturadas com brasileiros, imigrantes domiciliados na Escócia e com idades compreendidas entre 34 e 56 anos. As entrevistas foram transcritas na íntegra e submetidas à uma análise de conteúdo temática. No estudo, foi obtido 5 temas e 22 subtemas. Os resultados concluem que os imigrantes brasileiros em terras escocesas utilizam da estratégia de Integração nos processos de aculturação, e possuem maior prevalência de apresentarem no seu discurso o idadismo subtil.

Esta investigação pretende colocar em voga a importância de estudar sobre esses dois fenômenos em conjunto e propor uma análise mais profunda sobre o tema, salientando a ausência de estudos suficientes para abranger tais temáticas que são de grande importância na Psicologia Social.

Palavras-chave: aculturação; idadismo; migração; imigrantes brasileiros; Escócia

Códigos PsycINFO:

2860 Envelhecimento e Desenvolvimento de Idosos

2930 Cultura e Etnologia

3020 Processos de Grupo e Interpessoais

Abstract

This study investigates adaptive processes, acculturation, and ageism within the phenomenon of migration. It seeks to understand how Brazilian immigrants in Scotland experience barriers and facilitators in immigration, how they acculturate, and how they perceive their own aging process.

This is a qualitative investigation in which 17 semi-structured biographical interviews were conducted with Brazilians who reside in Scotland and are aged between 34 and 56 years. The interviews were transcribed in full and subjected to thematic content analysis using MAXQDA software. The study identified 5 themes and 22 subthemes. The results conclude that Brazilian immigrants in Scotland employ an Integration strategy in their acculturation processes and tend to exhibit subtle ageism in their discourse. This investigation aims to highlight the importance of studying these two phenomena together and to propose a more in-depth analysis of the topic, emphasizing the lack of sufficient studies to cover these themes, which are of great significance in Social Psychology.

Keywords: acculturation, ageism, migration, Brazilian immigrants; Scotland.

PsycINFO codes:

2930 Culture & Ethnology

2860 Aging & Older Adult Development

3020 Group & Interpersonal Processes

Índice

RESUMO	V
ABSTRACT	VII
INTRODUÇÃO	11
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	15
1. <i>Imigração</i>	15
2. <i>Aculturação</i>	19
3. <i>Envelhecimento</i>	21
QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO E OBJETIVO	27
METODOLOGIA	29
1. <i>Contexto</i>	29
2. <i>Design do Estudo</i>	30
3. <i>Amostra</i>	30
4. <i>Instrumento</i>	31
5. <i>Procedimento</i>	32
6. <i>Qualidade da Investigação</i>	32
7. <i>Análise Temática</i>	33
RESULTADOS	35
1. <i>Antes da emigração</i>	35
2. <i>Facilitadores na Adaptação da vida imigrante.</i>	37
3. <i>Barreiras na Adaptação da vida imigrante.</i>	40
4. <i>Aculturação</i>	43
5. <i>Envelhecimento</i>	47
DISCUSSÃO E CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
<i>Anexo A – Guião de entrevista</i>	59
<i>Anexo B – Termo de Consentimento</i>	61

Índice de Figuras

FIGURA 1 - MODELO QUADRUPLA DE ACULTURAÇÃO DE J. BERRY	21
FIGURA 2 - MODELO CONCEPTUAL	51

Introdução

Migração e envelhecimento são dois fenômenos conhecidos e amplamente estudados, e ocupam um lugar relevante na Psicologia Social.

Segundo a Organização Internacional para as Migrações (OMI, 2011), podemos definir migração como um deslocamento de pessoas ou grupos de um lugar para o outro, normalmente entre regiões ou países, podendo ter o caráter permanente ou não. Esse fenômeno pode ser motivado por múltiplos fatores, tais como econômicos, sociais, políticos e ambientais (Massey et al., 1993). Quando observamos o fenômeno Migratório, de acordo com a psicologia social, é necessário não nos prendermos na questão geográfica, e sim percebermos os processos complexos de interação social, adaptação cultural e identitários (Berry, 2006). Apesar de ser um fenômeno antigo, se faz importante estudos frequentes pela sua natureza cíclica e dinâmica. Defendendo tal posição, Berry (1997) coloca a importância de compreendermos a diversidade de experiências migratórias vivenciadas por cada indivíduo ou grupos, o que faz compreendermos que cada pessoa imigra da sua forma.

Outro fenômeno exposto neste estudo, é o envelhecimento. Este é um processo que pode ser sentido de formas diferentes, pois cada pessoa sente o processo de envelhecer da sua maneira. Apesar de contornado por aspectos biológicos, psicológicos e sociais, não se faz necessário uma padronização e sim uma compreensão de que cada indivíduo envelhece da sua forma. E mais importante que padronizar é buscar compreender como cada pessoa lida com as transformações do envelhecimento (Debert, 1999).

Dito isso, é possível perceber que tanto o sujeito imigrante, quanto a pessoa idosa ocupam espaços de vulnerabilidade na nossa sociedade e, muitas vezes, são conferidos a eles atributos injustos e discriminatórios.

Portanto, este estudo procura, conceder espaço de fala ao sujeito imigrante para que possamos compreender as particulares desse grupo e assim abrir novas possibilidades de estudos desses dois fenômenos.

Após essa breve introdução, seguiremos para o enquadramento teórico, que abordará os principais temas desse estudo, como Imigração, adentrando em relevantes questões sobre a diferença entre emigrantes e imigrantes, a tipologia das migrações, os principais desafios do imigrante, o processo de aculturação e suas particularidades e finalizaremos esse primeiro momento com o modelo quadruplo de Aculturação de John Berry. No segundo momento do enquadramento teórico, entraremos no fenômeno do envelhecimento, onde colocaremos foco no idadismo, sendo ele sutil ou Flagrante e finalizaremos com idadismo com a meia idade. Posteriormente, serão apresentados os objetivos e a três questões de investigação, logo após

ser descrita a metodologia que foi implementada, seguindo-se a análise de resultados alcançados no presente estudo. Finalmente, passaremos para a discussão e conclusão dos resultados, na qual incluiremos as limitações que existiram ao longo do percurso da escrita dessa pesquisa e a sugestão para futuras pesquisas.

Enquadramento Teórico

1. Imigração

Segundo à Organização das Nações Unidas podemos definir um migrante como aquele indivíduo que se desloca dentro do seu país ou para fora do seu país, estruturando-se nesse novo local de forma permanente ou por longa duração. (Organização das Nações Unidas [ONU],1998) Apesar do fenómeno da migração também abranger a mudança dentro do mesmo país, como por exemplo de uma zona rural para uma zona mais urbana, é relevante ressaltar que apesar de tal feito possa ser complexo para esses indivíduos, podemos considerar uma imigração internacional com demandas bem mais desafiadoras.

Como trata-se de um fenómeno paralelamente temporal e espacial, se faz bastante complexo defini-lo em relação à dimensão geográfica e período mínimo de permanência no país destino. Com a finalidade de mensurar o conceito tão heterogéneo da imigração, a ONU (1953) organizou-se e definiu que para considerarmos um indivíduo imigrante era necessário que o mesmo permanecesse minimamente no país destino no período de 1 ano. Cerca de 45 anos após essa resolução, em 1998, essa mesma organização entendeu a necessidade de diferenciar imigrantes de curta e longa duração e de os permanentes e temporários. Apesar de ser relevante mensurar a duração e fator geográfico, tais fatores são insuficientes para compreender todas as perspectivas do processo migratório, é necessário compreendê-lo concomitante a questões sociais (Berry, 2006). Compreendendo que a imigração é um fenómeno multifacetado, com dimensões temporais, espaciais e sociais simultâneas, e por se tratar de relações internacionais, está igualmente sujeita às legislações dos países envolvidos (Baganha, 2009).

1.1. Emigrantes e Imigrantes

Para compreendermos os processos migratórios, é importante ressaltarmos a diferença entre imigrante e emigrante. Segundo Ramalho (2001), podemos encontrar tal distinção, inicialmente, na etimologia das palavras originadas do latim “emigrare” e “immigrare”. Portanto, emigrare, significa “sair de”, e abrange a compreensão de uma ruptura com o que é familiar, representa o afastamento da zona de conforto pela separação das raízes, bem como a perda do contato físico com pessoas, lugares e experiências que anteriormente fizeram parte da vida. E immigrare, significa “ entrar em”, e inclui o processo de adaptação ao novo ambiente, trazendo consigo o desafio de se integrar a uma nova realidade desconhecida.

Corroborando com pesquisador, temos a definição da Organização Internacional para as Migrações (OIM,2011), que complementa o ato de partir com o ato de sair com a intenção de se estabelecer em outro lugar e a imigração, por sua vez, o ato de entrar com o ato de buscar estabelecer em outro território. A temática de migrações é bastante complexa e plural.

1.2. Tipologia das Migrações.

Com o intuito de assingelar a complexidade e pluralidade de tal fenómeno, Fairchild (1925) foi o primeiro teórico a propor uma organização em relação às formas de mobilidade. Segundo o mesmo, se fazia necessário dividir em quatro tipos de mobilidade, sendo elas: invasão, conquista, colonização e imigração. Para o sociólogo norte-americano, tais movimentos necessitavam do individuo um esforço acrescido, pois a inclinação do mesmo era de permanecer no seu lugar de origem.

Nessa trajetória sobre a conceitualização do termo migrações, posteriormente, Petersen (1958) refuta Fairchild (1925) em relação ao tal esforço acrescido para o individuo sair do seu lugar de origem. O mesmo defende a teoria que os indivíduos são produtos do contexto social e cultural, assumindo que processos migratórios são um fenómeno social. Petersen (1958) traz a tipologia geral das migrações baseada em dois eixos de categorização, um desses eixos expõe a importância das forças que definem a escolha para migrar, tais como anseios individuais, políticas migratórias, ecológicas e campo social. E no outro eixo, foca-se na intencionalidade por individuo migrante. E com a junção desses dois eixos, formam-se cinco tipos de migrações: Primitiva, Forçada, Impelida, Livre e Massiva. Cabe ressaltar que desde 1958, o fenómeno migratório foi observado de diversas formas e alcançou outros patamares de estudo. Podemos mencionar tipologias mais novas, como de Appleyard (1991), Portes (1997) e de Cohen (2003).

Appleyard (1991), traz uma nova tipologia mais clássica focada em demandas políticas e laborais, que se divide em seis diferentes tipos: migrantes permanentes, trabalhadores contratados por período determinado, profissionais qualificados de circulação temporária, trabalhadores ilegais, asilados políticos e refugiados políticos ou ambientais.

Em Portes (1997), temos uma tipologia que inclui o migrante no país destino considerando três aspectos: tipo de política migratória, comportamento da sociedade que recebe o migrante e comunidade étnica de pertença no país destino.

Com Cohen (2003), coloca-se em voga que apesar do aumento de controle e das restrições, as imigrações aumentaram, foi possível nomear oito tipos: migrações de trabalhos legais, migrações de trabalhadores indocumentados, migração de refugiados, migração feminina independente, trabalhadores migrantes especializados passageiros, trabalhadores migrantes

de longa duração, movimentos internos em grande escala e turismo.

Em uma tipologia mais recente, podemos citar Glick Schiller e Salazar (2013), que expõem a ideia de Regimes de Mobilidade, que buscam compreender as desigualdades associadas à imigração e mobilidade global. Trata-se de entender que os processos de imigração precisam ser analisados além do movimento das pessoas, e sim analisadas dentro de um contexto de barreiras sociais e econômicas que acabam por criar distinção entre mobilidade privilegiada e mobilizada estigmatizada. Essa tipologia traz consigo um questionamento crítico em relação ao papel dos estados e das políticas que determinam quem tem o direito ao não de se mover e em quais condições, dando enfoque que as desigualdades de mobilidade estão enraizadas nas relações de poder global e locais.

Quando revisamos a tipologia da migrações, percebemos que tais teorias apresentam intercessões em algumas características, possuindo os parâmetros mais frequentes em relação ao tipo de limites geográficos percorridos e seu caráter nacional ou internacional, a durabilidade dessa mobilidade e seu caráter definitivo ou temporário, a espontaneidade no processo de imigração caracterizando imigrações voluntárias ou forçadas, a pluralidade das motivações, as condições laborais, tipos de atividade econômica exercida, estatuto profissional do imigrante, nível de instrução e qualificação do imigrante, as questões legais de permissão ou não-permissão de permanência do imigrante no país destino e as demandas de percursos individuais (Gonçalves, 2014).

A comissão Mundial sobre as Migrações Internacionais (CMMI, 2005) compreende a profundidade de tal tema e qualifica que o processo migratório é multidimensional, e coloca em voga que as tipologias existentes possuem caráter dicotômico, e que o sujeito migrante não necessariamente necessita assumir tais polos.

1.3. Principais desafios do migrante

De acordo com os teóricos citados, é possível compreender a grande complexidade e o dinamismo do processo migratório, e que o fenômeno da imigração não pode ser simplificado como mobilidade geográfica, e para que possamos nos aprofundar nessa temática, se faz necessário colocar em voga as experiências e vivências do sujeito migrante quando é inserido na diferente cultura e a sua reação ao distanciar-se da sua origem sociocultural e suas referências (Becker, 2014).

Segundo Papademetriou (2008), na busca por integração econômica e social dentro do processo de imigração, algumas barreiras são sentidas pelo migrante, tais como: domínio da língua, adaptação ao sistema educacional, o novo mundo laboral, adaptação ao sistema de saúde e a participação cívica no país destino. A barreira do domínio da língua é compreendida

pela falta de fluência na língua do país destino podendo gerar maior dificuldade ao acesso aos serviços, oportunidades de emprego, interação social e integração cultural. A adaptação ao sistema educacional torna-se um desafio na medida que as diferenças curriculares, dificuldades linguísticas e as diferenças de métodos de aprendizado aparecem. O novo mundo laboral é definido como a adaptação desse imigrante ao mercado de trabalho do país destino e por muitas vezes suas qualificações e experiências anteriores não são aceitas ou valoradas, sendo necessário buscar outras qualificações locais, uma regressão ou uma transição na carreira. A adaptação ao sistema de saúde é percebida como o imigrante entende as novas formas de acesso ao sistema de saúde e por fim, a barreira da participação cívica que apesar de ter sua vida estruturada no país destino, o imigrante não se faz participativo em processos políticos, devido a barreiras linguísticas, falta de conhecimento sobre o sistema político, e alguns caso, restrições legais.

Goncalves (2014) corrobora com Papademetriou (2008) incluindo nos obstáculos percebidos pelo imigrantes no processo de imigração, a condição climática e a religião. Ressaltando que a adaptação aos países com frios extremos e falta de luz solar podem ser extremamente desafiadoras, podendo impactar negativamente no bem-estar físico e mental do imigrante.

De acordo com Bueno (2011), trata-se de uma relação mútua entre o imigrante e o país destino, onde o imigrante traz suas características, seus esforços e suas possibilidade de adaptação, enquanto o país destino apresenta-se como uma sociedade de acolhimento. As interações desses dois eixos produzem o processo de integração e definem o resultado, podendo ser positivo ou negativo. Papademetriou (2008) concorda com Bueno (2011), ressaltando que esses dois eixos, sujeito imigrante e país destino, apesar de existirem nessa relação mútua, não estão em posições igualitárias, cabendo ao segundo eixo, País destino um papel mais determinante para o desfecho positivo do processo.

2. Aculturação

Trata-se de um fenômeno bastante estudado por pesquisadores das áreas de Antropologia, psicologia e sociologia. Segundo Herskovits (1958) data-se de 1895 a primeira vez que a palavra foi utilizada em um estudo sobre as divergentes etnografias entre os indígenas nativos, os nativos do Alasca, os africanos e a relação com o mundo novo pelo antropólogo norte-americano Otis Tuffon Mason. Alguns anos depois, em 1936, os antropólogos Edfield, Linton e Herskovitz foram os pioneiros em definir a aculturação, como o fenômeno que resulta quando dois grupos culturalmente distintos entram em contato direto e continuamente, e após esse momento, ocorre um conjunto de transformações em ambas as partes.

Continuando a linha do tempo, em 1978, Szapocznik, Scopetta, Kurtines e Aranalde, sugeriram que aculturação estava diretamente ligada às mudanças em relação aos valores e comportamentos, os valores refletindo na interação entre o indivíduo e a natureza e suas crenças, enquanto comportamento reflete no uso da linguagem e na participação em atividades culturais. (Araújo, 2017) Outras definições mais recentes, Cuellar et al. (1995) definiram a aculturação em termos de transformações em três níveis: cognitivo, afetivo e comportamental, incluindo a linguagem, costumes e emoções culturais.

Atualmente, Berry é o teórico mais apropriado para percebermos o tema da aculturação, visto que consegue alcançar as complexidades da imigração ao admitir que o imigrante é um sujeito ativo no processo de recepção da cultura que para qual imigra, podendo adota-la em maiores ou menores níveis segundo a sua capacidade de resistência cultural ou pré-disposição ao outro, bem como atravessamentos de duração da permanência e as conjunturas espaciais. Apresentando os pilares de: voluntariedade, mobilidade e permanência (Berry, 2016).

2.1. Modelo Quadruplo de Aculturação de J. Berry

Muitos pesquisadores focaram seus estudos na construção de modelos de aculturação unidimensional e bidimensional (Cabassa, 2003). Em 1964, temos o primeiro modelo unidimensional apresentado do sociólogo estadunidense Milton Gordon, no qual ele que adota a ideia que o imigrante deveria abandonar sua cultura de origem e buscar continuamente a identificação com a cultura do país destino. A teoria de Gordon conta com os setes estágios de assimilação: cultural, estrutural, marital, identificacional, atitude-recepcional, comportamento-recepcional e cívica. Gordon (1964) defendia que essa assimilação possibilitaria êxito, diminuindo assim a discriminação e xenofobia. Esse modelo foi questionado por Berry (1997) pois o mesmo não concordava que somente a aculturação seria assertiva se o imigrante renunciasse a sua identidade étnica e assumisse essa nova identidade no país destino.

Portanto, Berry (1997) refuta o modelo de Gordon (1964), pois acredita que não é possível compreender a aculturação de forma unidimensional, onde somente uma das partes pode de transformar. Com isso, surge o modelo quádruplo de Berry (1997), sendo um dos mais conhecidos e embasados por evidências científicas.

O modelo de Aculturação de Berry (1997), é fundamentado em duas dimensões principais: a manutenção da cultura de origem e o envolvimento com a cultura nova. Tais dimensões são primordiais para compreender como o indivíduo equilibra-se na preservação das suas tradições culturais com a integração na cultura do país de origem. Berry (1997) identifica quatro distintas estratégias da aculturação, sendo elas: integração, assimilação, separação e marginalização.

A Integração é caracterizada por uma elevada manutenção da cultura do país de origem do imigrante simultaneamente a um alto envolvimento com a cultura do país destino. O imigrante que consegue ter êxito na integração, tem como resultado a preservação de relevantes aspectos da sua origem enquanto envolvem-se ativamente na cultura do país de origem. Tal modo de aculturação é habitualmente relacionado com bons resultados em relação à adaptação social e psicológica, proporcionando uma coexistência harmoniosa intercultural.

A Assimilação é definida por uma rejeição à manutenção da cultura de origem e uma total adoção da cultura do país destino. Nesse cenário, o imigrante participa ativamente da cultura local, o que acaba por facilitar a inclusão do mesmo no país destino, porém há perda da identidade cultural do imigrante.

A Separação é identificada por uma excessiva manutenção da cultura de origem e uma baixa adesão ao país destino. Nessa estratégia, o indivíduo pendem-se a viver em comunidades fechadas, preservando as práticas culturais do país de origem e abstendo-se do contato com o país receptor. Apesar da preservação da identidade, esse cenário tem como consequência um isolamento social e restritas possibilidades de inclusão.

Por fim, a marginalização, que é caracterizada quando o imigrante possui rejeição à sua cultura originária e baixa adesão à nova cultura apresentada. Berry (1997) indica que tal forma de aculturação pode ter desencadeado a partir de uma exclusão social, discriminação ou escolha individual de desconexão cultural. Esse cenário é considerado o mais desafiador, pois pode causar um mal estar psicológico e social.

A representação gráfica do modelo de Berry (Figura 1) é definida como uma matriz que coloca as quatro estratégias de aculturação com base nas duas dimensões principais descritas acima. Tal modelo é bastante utilizado nos estudos sobre aculturação, pois compreende a bilateralidade dos encontros culturais que conseguem superar as pré-disposições hierárquicas da geopolítica e ultrapassam a discussão acerca do contato com culturas diferentes, para além

da arbitrária noção de passividade do indivíduo que muda de país, admitindo a nuance mútua de todo o processo, cujo se manifestará em camadas diferentes de acordo com a absorção e predisposição ao fato cultural.

Figura 1 – Modelo Quadruplo de Aculturação

Dimensão 1. É considerado de valor manter a identidade cultural e as características culturais?		
	SIM	NÃO
Dimensão 2: É considerado de valor manter relações com outros grupos?	SIM	INTEGRAÇÃO
	NÃO	SEPARAÇÃO
		MARGINALIZAÇÃO

3. Envelhecimento

Segundo o relatório da ONU (2013), diferentes nações experimentam efeitos diversos em virtude de sua fase de transição demográfica e grau de desenvolvimento. A maioria dos países desenvolvidos, juntamente com alguns em desenvolvimento, já alcançou uma estrutura etária envelhecida, caracterizada por uma diminuição na proporção de jovens e adultos em idade de trabalho. Em escala global, a população com 60 anos ou mais está prevista para aumentar de 9% em 1990 para aproximadamente 21% até 2050 (Relatório da ONU, 2013). Essa transformação tem implicações significativas tanto para a disponibilidade para as políticas e estruturas de apoio aos idosos.

Esse envelhecimento da população é uma consequência do estilo de vida da sociedade moderna, onde casais optam por ter menos filhos e/ou adiam a maternidade e paternidade. Outros fatores, como a participação da mulher no mercado de trabalho e a disseminação de métodos contraceptivos estão diretamente relacionados ao envelhecimento populacional. Em contra partida, avanços contínuos na medicina, maior acesso aos cuidados de saúde e melhoria das condições de vida permitem que as pessoas tenham tratamentos e recursos que prolongam suas vidas e, por muitas vezes, melhoram sua qualidade. Isso evidencia um possível descompasso entre a taxa de natalidade e a de mortalidade que, possivelmente, pode acarretar em problemas para financeiros para a velhice (Lavrador ,2020).

De acordo com Hareven (1994), idade e envelhecimento são resultantes de processos biológicos, mas são atravessados por fatores sociais.

Dito isso, mediante à bibliografia levantada, o envelhecimento necessita ser compreendido como multifacetado, não vincula-se apenas ao estágio biológico, pois sofre atravessamento culturais, espaciais e temporais do recorte em que se insere. A representação de pessoas idosas precisa superar o estigma preconceituoso e estereotipado que reafirma a lógica de uma vida pautada no seu nível e no seu índice de produtividade, e se aproxima do desenho de uma nova

categoria etária tão vital e possível de experiências como qualquer outra antecessora.

3.1. Idadismo

O responsável por introduzir o termo idadismo foi o gerontologista, Robert Butler em 1969. Inicialmente, sua definição enfatizava apenas o aspecto afetivo do fenômeno, porém após de compreender a sua complexidade, Butler revisou o conceito e inclui dimensões cognitivas e comportamentais (Nelson, 2005).

Frente ao acelerado processo de transição demográfica mundial, a Organização das Nações Unidas (ONU) , no século XX, em ocasião de Assembleia Geral, promoveu diversas conferências destinadas à deliberação acerca do envelhecimento da população em que, por meio de um mapeamento profícuo desse cenário, determinou os 18 direitos das pessoas idosas que abarcariam a sua independência, participação, cuidado, autorrealização e dignidade. Todo plano de ação e todas políticas públicas sobre a temática estariam incumbidos de fomentar e possibilitar a qualidade de vida dessa etapa do envelhecimento, bem como a garantia do bem-estar e da saúde na velhice, além da fundação de redes de apoio para o grupo.

Potencializou-se e se firmou como um prenúncio de uma realidade incontestável que tem atravessado as décadas do século XXI: o envelhecer. Mediante a isso, são inúmeras as práticas que se debruçam sobre o tópico a fim de torná-lo como componente indispensável dos projetos governamentais. Em 2015, a Organização Mundial da Saúde apresentou dados acerca da transição demográfica e sinalizou que até o ano de 2050, população mundial acima dos 60 anos sairá de 841 milhões para 2 bilhões projetados. Dito isso, a cobrança aos governos de que em seus planos executivos contassem igualmente com ações que garantiriam um “envelhecimento ativo” da população encontrou solo fértil, dado o fato de que, frente ao crescente número de pessoas idosas na sociedade que traziam consigo possibilidades de vivências tão novas quanto qualquer outra, o envelhecimento estava subjugado ainda a uma visão estigmatizada e preconceituosa. Para Marques (2011), a gênese dessa visão sai de um pressuposto de que a velhice é ditada por ideal de decadência dos corpos e da vitalidade humana, sendo, por sua vez, sinônimo de uma ameaça social.

Sobre o tópico, Marques (2011) destina uma perspicaz escrita em que nos apresenta sobre o fenômeno “idadismo”, dando a ele um conceito e os seus fatores causais. Para isso, a autora busca, na literatura, o primeiro registro do termo e vai o desdobrando segundo as condições sociais em que está submetido e que determina sua forma de atuação.

Para entender melhor este cenário que se apresenta de maneira versátil e atravessado por diversos outros fatores, a autora recorre aos três conceitos que estruturam o idadismo: o estereótipo, o preconceito e a discriminação. É necessário considerar, logo, que estes não

estão dispostos de maneira hierárquica em que um antecede o outro e determina a sua existência, mas estão distribuídos de maneira entrelaçada em que ideias, sentimentos e práticas se costuram de maneira simbiótica, auxiliando simultaneamente na existência do outro (Nelson, 2005).

Em primeira análise, o estereótipo está a nível do pensamento, quando é feita uma leitura generalizada e reduzida dentro de um contexto cultural, que mutila as especificidades humanas em detrimento de um padrão fixo. A exemplo, destaco o estereótipo da fragilidade dos corpos de pessoas idosas e da virilidade dos corpos jovens. Assim, por ser um componente de um fenômeno variável como é o idadismo, o estereótipo também se apresentará de maneira diversificada, alterando-se de acordo com a idade, acompanhando o espaço geográfico, variando em nível socioeconômico e reconfigurando segundo o recorte temporal. Cada sociedade, em seu ponto de tempo e de espaço geográfico, irá padronizar e generalizar as realidades a sua maneira.

Em segunda análise, o preconceito parece ser uma reação ao estereótipo, pois diante a este construto cognitivo e variável em tempo e em espaço, o indivíduo, dotado de passionalidades, irá responder de maneira positiva ou negativa frente a ele. No entanto, o idadismo sugere a bipartição semântica deste conceito que pode se apresentar de maneira positiva ou de maneira negativa (Hagestad & Uhlenberg, 2005; Iversen et al., 2009).

O preconceito é uma reação emocional ou um sentimento, positivo ou negativo, dirigido a uma pessoa com base no grupo ao qual parece pertencer. O preconceito contribui para a criação ou manutenção de relações hierárquicas entre grupos. No caso do idadismo, o preconceito se dirige a um indivíduo ou grupo com base na percepção de sua idade.

Por assim dizer, diante do estereótipo, o sujeito destina o sentimento de compaixão, de cuidado ou de repulsa e abandono. É o preconceito que atua como principal mantenedor das relações hierárquicas, pois, sendo um propulsor sentimental, discernirá o correto do errado, o possível do impossível e o usual do inútil.

Por fim, a discriminação é o exercício frente ao preconceito. É ela que vai ditar as ações práticas e políticas destinadas a um determinado grupo.

É importante ressaltar que um determinado estereótipo não culminará necessariamente em um preconceito positivo ou negativo. Cada sentimento e reação será determinada por códigos culturais, legislativos e institucionais específicos, o que, por sua vez, determinará a horizontalidade e interseccionalidade desses três pilares.

Em suma, o idadismo é um componente do processo pedagógico em que a construção do outro está submetida a sua idade, seja ela pouca ou seja ela acumulada. E esse pensamento inicia-se logo na infância e percorre todo o caminho vida do indivíduo. Mas que, segundo,

Marques (2011) que ocorre de maneira ainda mais incisiva no envelhecer, criando um espaço reduzido, limitado e problemático para essas vivências.

3.2. Idadismo Subtil e Idadismo Flagrante

Segundo, Pettigrew e Meertens (1995) os primeiros estudos sobre preconceito intergrupar tiveram sua atenção focada nas formas explícitas, e somente nas últimas décadas do século XX iniciaram-se pesquisas com a tendência em incluir uma visão mais sutil do fenômeno, tal feito foi de suma importância, uma vez que se compreende que essa dimensão menos explícita do preconceito contribua diretamente na perpetuação de tais preconceitos. Os estudos sobre idadismo acompanharam a mesma tendência, e atualmente há pesquisas sobre a sua manifestação de forma flagrante ou subtil (Cary et al., 2017; Marques, 2011).

Tratando-se de Idadismo Flagrante, de acordo com Pettigrew e Meertens (1995) podemos compreender como a forma mais explícita do preconceito e é caracterizada como direta e evidente, e é perpetuada de forma consciente e deliberada. Portanto, é compreendido que o idadismo flagrante é percebido com bastante facilidade pelo sujeito que sofre tal preconceito. Segundo os dados de Marques (2011) na Europa, uma quantidade significativa de pessoas idosas (15,9% das pessoas idosas entre os 65-79 anos e 26,8% dos sujeitos idosos com mais de 80 anos) informaram que sofreram múltiplas formas idadismos flagrante, tais como insultos e maus tratos.

Em contrapartida, o Idadismo Subtil, se apresenta de forma bem menos óbvia e por muitas vezes encoberto nas boas intenções, porem tão ou mais nocivo para a pessoa idosa quanto o Idadismo Flagrante (Drury et al., 2017). Podemos observar que esse idadismo, que aparece como elogio, atua na manutenção de estereótipos sobre a idade. Se faz possível perceber isso, quando, ao ouvirmos ou reproduzirmos comentários sobre a performance e a aparência desses indivíduos, utiliza-se de comentários sobre não aparentar a idade que tem, ou por estarem bem para idade, ou ainda por serem “jovens de coração”. Apesar de parecerem elogiosos, contem a suposição discriminatória de que a juventude é superior à velhice (Barber & Tan, 2018).

Segundo dados da European Social Survey (2009), o idadismo Flagrante e Subtil foram medidos e os resultados indicaram que o subtil ocorre com mais frequência (39%) em comparação ao idadismo flagrante (29%). Tais dados são de suma importância para exemplificar a importância de estudos mais focados no idadismo subtil, tendo em vista que o mesmo sustenta o preconceito benevolente e contribuiu para exclusão social que são mais desafiadores de legislar e combater (Stuckelberger et al., 2012).

3.3. Meia Idade e Idadismo

Antunes e Silva (2013) expõem que a meia idade é uma temática recente e ainda pouco estudada, e conseguimos constatar tal afirmação com a dificuldade em encontrar produção acadêmicas com essa temática, sendo bem contrastante com o número de pesquisas em relação à velhice. A meia idade encontra-se nesse lugar obscuro, e há uma dificuldade de compreender seu início.

Para elucidar tal tema, ressaltamos o psiquiatra Engel (1977) que propôs o modelo biopsicossocial como alternativa ao modelo reducionista e tradicional biomédico, que focava exclusivamente nos aspectos biológicos. Portanto, o modelo biopsicossocial compreende que o individual precisa ser entendido em três dimensões, sendo elas: biológica, psicologia e social. Com o processo de envelhecimento, acontece uma sequência de transformações nessas três esferas.

Em relação aos aspectos biológicos, o corpo começa a experimentar uma diminuição gradual da massa muscular e da força física, além de mudanças hormonais significativas, temos como exemplo a diminuição da testosterona em homens e o estrógeno em mulheres que não impactam somente nas funções reprodutivas.

Em relação aos aspectos psicológicos, a literatura sugere que embora a capacidade de resolver problemas novos tendem a diminuir, o bem-estar emocional melhora da idade adulta até a velhice (Carstensen et al., 2011).

E por fim, em relação aos aspectos sociais, é observado que há mudanças nos papéis sociais e uma maior cobrança desse indivíduo apresentar solidez nas esferas da vida (Gusmão, 2003).

Hagestad e Uhlenberg (2005) enfatizam que para além dos indivíduos mais velhos, outras faixas etárias também podem sofrer com o idadismo. Lynch, (2000) coloca em voga a ansiedade, angustia e sentimento de fuga de adultos em relação à entrada na meia idade e por consequência o envelhecimento, o mesmo constata que tais sentimentos tendem aparecer pela falta de contato com a temática e com a falta de interação com pessoas de idade avançada.

Para Antunes e Silva (2013), o idadismo aparece nesses adultos que apresentam níveis altos de ansiedade face ao próprio envelhecimento, tendendo a rejeitar o processo de envelhecer e a utilizar meios de prolongação da juventude.

CAPÍTULO II

Questões de Investigação e Objetivo

De acordo com a Revisão de Literatura, foi identificada a diversidade de temas relacionados à imigração e ao processo de envelhecimento, porém de formas distintas. E raros estudos que procuram perceber a interação desses dois fenômenos, o que ressalta a importância de desenvolver estudos que abordem a interseção dessas áreas. Isso se faz necessário, pois tanto a migração, quanto o envelhecimento, apesar de amplamente estudadas, necessitam de olhares contemporâneos para serem compreendidos. Sabemos que cada indivíduo envelhece e imigra de maneiras singulares influenciados pelo contorno geracional da época.

Exposto isso, com o presente estudo pretendemos explorar as temáticas de aculturação e envelhecimento percebidas pelos imigrantes brasileiros quando decidem tornar a Escócia o seu lar. Para alcançar este objetivo e com base na literatura, adotamos uma abordagem epistemológica construtivista no sentido de dar respostas a três perguntas de investigação que direcionam o estudo:

- 1) Como são percebidas as estratégias adaptativas na aculturação dos imigrantes brasileiros 35+ na Escócia?
- 2) Haverá uma percepção de melhor estratégia utilizada para uma melhor adaptação dessa comunidade de imigrantes?
- 3) De que modo é percebido o idadismo em relação ao envelhecimento pelos imigrantes brasileiros, 35+ na Escócia?

Os resultados obtidos com base nestas questões permitirão construir um entendimento mais abrangente sobre a intercessão desses dois fenômenos, podendo abrir discussões relevantes sobre tais temáticas.

CAPÍTULO III

Metodologia

1. Contexto

País origem: Brasil: Imigração e envelhecimento

O Brasil é uma República Federativa composta por 26 estados e um distrito federal que unificados formam a maior nação latino americana.

Segundo o Censo (2022) realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), O Brasil possui aproximadamente 203 milhões de habitantes e foi compreendido que houve um crescimento lento que reflete uma tendência de desaceleração no aumento de habitantes em comparação com as décadas anteriores.

Em relação ao Envelhecimento da População brasileira, o Censo (2022) destaca que o Brasil está em consoante ao aumento da população idosa mundial mensurando que a fatia ocupada é de 14,7% da população total. Essa tendência de envelhecimento da população traz grandes desafios em relação à previdência social, saúde publica e cuidados ao longo prazo.

Em relação aos processos migratórios, o mesmo Censo (2022) indica o aumento continuo de imigração, especialmente de venezuelanos e haitianos que optam pelo Brasil como país destino. Quando trata-se de brasileiros que deixaram o Brasil para morar em outros países, temos os dados mensurados pelo Ministério das Relações Exteriores no documento “Comunidades brasileiras no exterior (2022)” que traz um compilado de dados enviado ao Brasil.

Nesse referido documento, em 2024, dos 4,9 brasileiros que residem fora do Brasil, 230 mil escolheram o Reino Unido como país destino.

País destino: Escócia: Imigração e envelhecimento.

A Escócia faz parte de uma união política junto com outros três países, sendo eles Inglaterra, Irlanda do Norte e País de Gales, formando o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte.

A Escócia ocupa a área norte da Ilha da Grã-Bretanha, e possui cerca de 77.933 quilômetros quadrados de territórios com paisagens heterogêneas que inclui montanhas, vales, lagos e com mais de 790 ilhas.

Segundo o Censo (2022) realizado pelo National Records of Scotland, a Escócia possui aproximadamente 5,4 milhões de habitantes, e tal índice é o maior registrado. Em comparação ao

Censo anterior, realizado em 2011, mostrou que teve um aumento de 2,7%, cerca de 141 mil habitantes. É relevante constatar que o aumento dessa população tem relação direta com os processos migratórios, e sem ele a população teria diminuído cerca de 49.800 mil.

Trata-se de um país bem equilibrado em relação à homens e mulheres, com 51,4% da população do sexo feminino e 48,6% da população do sexo masculino.

Outro fator relevante com a pesquisa do Censo é a constatação do envelhecimento populacional, foi mensurado que há mais indivíduos maiores de 65 anos que indivíduos menores de 15 anos. Esse cenário provocou uma atenção do governo escocês.

Infelizmente, o Consulado Brasileiro na Escócia é muito novo, iniciou seus trabalhos em 2023 e ainda não possui o número aproximado de imigrantes brasileiros que moram na Escócia.

2. Design do Estudo

O presente estudo adotou uma metodologia qualitativa, pois os métodos qualitativos permitem explorar e compreender fenômenos, permitindo assim alinhar aos objetivos dessa dissertação. O principal objetivo foi realizar um levantamento de duas temáticas de suma importância: Imigração e envelhecimento, e foi oportunizado através da realização de entrevistas semiestruturadas aos imigrantes brasileiros acima de 35 anos moradores da Escócia, no Reino Unido. Essa metodologia proporciona ao pesquisador compreender o fenômeno a partir das pessoas e suas individualidades, levando em consideração múltiplos pontos de vista (Godoy, 1995).

3. Amostra

A amostra foi de conveniência e composta por 17 participantes, sendo treze mulheres e quatro homens, com idades compreendidas entre os 34 e 56 anos. Os critérios para inclusão nesse estudo foram a faixa etária (acima de 35 anos) e o participante ser imigrante brasileiro morando na Escócia de forma voluntária. Em relação aos fatores de inclusão, o critério pela faixa etária ser acima de 35 anos foi com o intuito de abordar questões sobre proximidade com a meia idade e envelhecimento. A idade acima dos 35 anos tem sido apontada como o fim da juventude e início da meia-idade em amostras representativas no Reino Unido e Portugal (European Social Survey, 2009). No presente estudo inclui-se um participante com 34 anos, porém somente na etapa da entrevista tivemos acesso à idade real dele, o mesmo faria aniversário 1 mês após a entrevista e por estar muito perto de completar 35 anos considerou-se dentro do corte etário solicitado. Por fim, optamos por manter a entrevista, pois tínhamos poucos entrevistados do sexo masculino e acreditamos que seria enriquecedor para o nosso estudo. A amostra contou com profissionais de diversas áreas, dentre

eles 5 permaneceram com a mesma atividade laboral do Brasil, a psicóloga, a jornalista, a advogada, a tradutora e administrativo. Três, fizeram uma mudança na atividade laboral, permanecendo próximo à sua área de atuação, a geóloga atuando como Analista de Riscos, A analista de dados atuando como gerente de projetos e a engenheira química atuando em segurança do trabalho. Os nove restantes atuam em áreas diferentes, A bióloga atua como assistente de museu, a profissional de turismo atua como Aquiculturista, as professoras, respectivamente como coordenadora de equipe de conservação e assistente administrativa, a arquiteta atua na área administrativa, a esteticista atua como cuidadora de idosos, o analista de recursos humanos atua como policial e o analista de marketing e o graduado em desenho industrial atuam como gerente de projetos. Todos os entrevistados encontram-se trabalhando.

Participante	idade	Tempo de Escócia	Profissão no Brasil	Profissão na Escócia	Gênero	Identificação
P1	43	19	Administrativo	Administrativo	M	P1,M,43
P2	42	5	Arquiteta	Administrativo	F	P2,F, 42
P3	41	9	Engenheira Química	Segurança do Trabalho	F	P3,F,41
P4	41	6	Tradutora	Tradutora	F	P4,F,41
P5	56	10	Esteticista	Cuidadora de pessoas idosas	F	P5,F,56
P6	39	9	Analista de RH	Policial	M	P6, M,39
P7	37	5	Desenho industrial	Gestor de projeto	M	P7,M,37
P8	34	7	Analista de Marketing	Gestor de projeto	M	P8, M,34
P9	35	4	Professora	Assistente Administrativa	F	P9, F,35
P10	35	6	Bióloga	Assistente de Museu	F	P10,F,35
P11	38	7	Geóloga	Analista de riscos	F	P11, F,38
P12	37	4	Analista de Dados	Gerente de Projetos	F	P12, F,37
P13	47	4	Psicóloga	Psicóloga	F	P13, F,47
P14	43	13	Jornalista	Jornalista/ Relações Públicas	F	P14,F,43
P15	45	10	Profissional do Turismo	Aquicultura	F	P15, F, 45
P16	43	5	Professora	Coordenadora de equipe de Limpeza em Hotel	F	P16, F, 43
P17	42	1	Advogada	Advogada	F	P17, F,42

4. Instrumento

Para a análise recorreu-se à realização de entrevistas individuais semiestruturadas. Estas foram realizadas com base num guião previamente estruturado, tendo como base a literatura sobre a temática de imigração e envelhecimento (Anexo A). Em primeiro lugar, os entrevistados foram convidados a responder sobre as características sociodemográficas, questionados sobre idade, escolaridade, status de relacionamento, a língua materna e se possui filhos (as) e netos(as).

De seguida, foi abordada questões sobre o percurso da vida, solicitando que o mesmo pudesse destacar momentos principais na sua vida e entender em qual momento cronológico o entrevistado acredita estar, nesse momento é explicado o conceito de meia e idade e é questionado como o

entrevistado se sente em relação a isso. Ainda nessa temática, foi questionado sobre a intenção de envelhecer ou não no país destino. Posteriormente, entramos no tema imigração, e os assuntos que foram abordados estão relacionados com a motivação para imigrar, as facilidades e barreiras dentro do processo e entramos na seara da imigração na meia idade e suas implicações. Após, entramos na temática de construção do lar simbólico no país destino e a comparação com o país de nascimento. Por último, entramos nas ações adaptativas, e podemos compreender as facilidades e barreiras do imigrante na meia idade em terras escocesas, trazendo pertinentes questões sobre integração e hobbies. Apesar do questionário abordar temáticas variadas, a presente dissertação apenas focará na análise das respostas em questões focadas na adaptação do imigrante, aculturação e idadismo. Os outros temas não foram considerados na análise de dados.

5. Procedimento

O recrutamento dos participantes foi realizado através de redes sociais, tais como grupos de imigrantes brasileiros no Facebook e no WhatsApp. A solicitação de participação voluntária foi uma mensagem com as seguintes informações: Nome da pesquisadora e o nome da universidade, Objetivo do estudo, características gerais do perfil que procurávamos para a pesquisa, tempo estimado e o contato da pesquisadora. Os participantes voluntários entravam em contato por mensagem e nesse momento eram confirmadas questões importantes para pesquisa, tais como idade, nacionalidade e moradia atual. Após a confirmação dos dados, um encontro online era agendado.

As entrevistas foram realizadas entre Abril e Maio de 2023, consoante a disponibilidade dos participantes através da plataforma online Zoom. Foi efetuado o registo de voz para posterior transcrição e análise e assegurada a confidencialidade dos dados recolhidos. As entrevistas tiveram uma duração entre 60 minutos a 75 minutos. Todos os participantes assinaram o consentimento informado, onde eram apresentados os objetivos do estudo e a natureza voluntária de colaboração, entre outras informações (Anexo B).

Com o intuito de analisar e explorar os dados recolhidos, realizou-se uma análise temática com recurso ao software MAXQDA.

6. Qualidade da Investigação

No que diz respeito aos critérios de qualidade deste estudo qualitativo, foi considerada a Ethical Issues Checklist de Patton (2015), que estabelece um conjunto de diretrizes que visam garantir a condução ética de pesquisas qualitativas, agindo como uma ferramenta essencial para pesquisadores. Essa lista de verificação aborda pontos fundamentais que protegem a confidencialidade dos

participantes e a integridade do estudo. Seguindo a recomendação de Patton (2015), inicialmente, foi destacada a importância do consentimento informado, garantindo que o participante estivesse plenamente ciente dos objetivos da pesquisa e da natureza da sua participação, tal como a preservação da confidencialidade e anonimato, assegurando que as identidades e as informações pessoais sejam mantidas em sigilo. Portanto, as perguntas foram formuladas em conformidade com as recomendações de Patton (2015) evitando direcionar as respostas e permitindo que os participantes adotassem a abordagem que preferissem. Além disso, seguiram os indicadores do RATS (Qualitative Research Review Guidelines) (Clark, 2003). A validade do estudo foi reforçada com base no referencial Validity Criteria Development de Whitemore et al. (2001), evidenciando o cumprimento dos seguintes critérios: amostragem apropriada, garantia de voz aos participantes, revisão da literatura durante a análise dos dados, uso de software, no caso deste estudo MAXQDA, para análise e apresentação de evidências que sustentem as interpretações. Por fim, a opção pela amostragem de conveniência foi adotada para selecionar os participantes, uma vez que, a escolha intencional dos entrevistados maximiza a obtenção de informações relevantes que respondam às questões de pesquisa. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, método que, de acordo com Merriam (2009), tem sido amplamente bem-sucedido em pesquisas qualitativas, utilizando perguntas abertas que permitem aos entrevistados responderem de forma livre e espontânea.

7. Análise Temática

A análise temática foi escolhida como método para esta pesquisa devido à sua flexibilidade e eficácia na identificação, organização e interpretação de padrões significativos nos dados qualitativos (Braun e Clarke, 2013). Esse método permite explorar as percepções e experiências dos participantes, fornecendo uma estrutura clara para a codificação e categorização dos dados em temas. Além disso, a abordagem de Braun e Clarke (2013) oferece uma compreensão profunda do contexto em que os fenômenos ocorrem, possibilitando uma análise rigorosa que vai além da simples descrição, contribuindo para uma interpretação mais refinada e significativa dos resultados da pesquisa.

O processo envolveu algumas etapas, seguindo as orientações de Braun e Clarke (2013). Afim de desenvolver a familiarização com os dados, todas as entrevistas e transcrições foram realizadas pela pesquisadora, permitindo que a mesma pudesse ter uma maior assimilação do conteúdo. Além das transcrição, é importante ressaltar a importância de ler repetidas vezes tais entrevistas para compreender os padrões e as ideias recorrentes.

Após a etapa de transcrições, se fez necessário começar a criação dos códigos, e com auxílio do software MAXQDA foi possível organizar as entrevistas de acordo com as ideias recorrentes. E em seguida, buscar os temas e revisá-los entendendo sua coerência.

Vale salientar que todas as codificações foram validadas com orientadora e receberam um segundo olhar de uma terceira pessoa, de modo que a mesma pudesse apurar se os mesmos faziam sentido ou se necessitavam de modificações.

CAPÍTULO IV

Resultados

1. Antes da emigração

Inicialmente, os participantes foram convidados a falar sobre o percurso da vida, considerando situações e lugares onde passaram antes de morarem na Escócia. Dessa forma, foi possível compreender as trajetórias pessoais de cada participante da pesquisa. Com base nas respostas, foi percebido que muitos participantes já haviam tido experiências de migração, tanto dentro do Brasil, quanto em outros países.

De todos os participantes, somente três não relataram que possuía experiências migratórias, e fizeram somente o percurso da cidade de origem até a Escócia (P9,P12,P16). Na secção que segue, iremos apresentar extratos que remetem para esse esse ponto:

Extrato 1 - Mas eu sempre fui uma migrante ainda dentro do Brasil. Minha mudança para cá foi a número 23 na minha vida. Eu lembro que eu tinha que me adaptar muito rápido para falar com as pessoas, para fazer o que as pessoas faziam. Então, acho que essa adaptação que eu precisava ter me ajudou muito a ser quem eu sou hoje (P17, F,42).

Nesse trecho abaixo, outra participante remete para a não existência de intimidade com os processos migratórios, em oposição à essa intimidade da participante anterior:

Extrato 2 – Foi muito delicado. Quando eu migrei para cá, deixando a casa do pai e da mãe, vindo para cá com a única neta que eles têm. Então, foi um momento que marcou muito (P9, F,35).

Esses extratos vão de encontro à literatura, que sugere que é necessário compreender os processos migratórios como esse fenômeno multifacetado, com dimensões temporais, espaciais e sociais que agem simultaneamente (Baganha, 2009).

Para além desse primeiro convite de falar sobre o percurso da vida, foi solicitado aos participantes que respondessem quais foram as motivações para se tornar emigrante, assim como entender as barreiras e os facilitadores para tal feito. O intuito dessas perguntas era compreender essa primeira fase do processo de migração, para que depois possamos nos aprofundar em outras questões pertinentes ao nosso estudo.

No que tange, as motivações para emigrar, nove participantes relataram que a intenção foi buscar uma vida com melhores possibilidades em relação à segurança, trabalho e estabilidade financeira para si próprio e/ou para sua família (P1,P4,P5,P7,P12,P14,P15,P16 E P17) e oito participantes relataram que a motivação foi vinculada ao desejo dos parceiros e parceiras

(P2,P3,P6,P8,P9,P10,P11 E P13).

Extrato 3 - Decidimos sair do Brasil e fomos para Portugal, para melhorar a vida dos meus filhos. Sempre fui da opinião que família unida permanece unida. Então ou migrava todos ou não migrava ninguém. Então isso foi um ponto chave. Então fomos para Portugal, vivemos lá 12 anos, construímos boas amizades, tudo, meus filhos viveram muito felizes, então foi um ponto chave. Depois, nos mudamos para a Escócia, devido a oferecer melhores oportunidades profissionais para os meus filhos, e que graças a Deus hoje eles estão, cada um seguindo as suas muitas vidas e felizes. Eles falam que a mãe foi realmente doida mas hoje a gente é muito feliz (P5,F,56).

Extrato 4 - O sonho da vida dela era vir pra cá. O meu não era, mas eu falei cara vou fechar o olho e vou pular e vamos ver o que dá. E, foi assim, a melhor escolha que a gente fez pra nossa vida, entendeu? Então eu não tinha esse anseio de morar fora, mas aconteceu e foi assim uma escolha que eu acho que não me arrependo nem um pouco de ter feito, de ter deixado o Brasil para trás e começar uma vida do zero (P8, M,34).

Em relação às barreiras e aos facilitadores para se tornar um emigrante, segue dois trechos da entrevista com a mesma participante, que consegue expor com clareza o processo anterior à chegada à Escócia, tais trechos corroboram com Ramalho (2001) que traz que o emigrante passa por essa ruptura com o conhecido, com o familiar. Portanto, no primeiro momento, a participante coloca como foi desafiadora a barreira de se tornar uma emigrante, realizando o grande desafio de romper com o social vivido e no segundo trecho ela expõe a facilidade burocrática, pois conseguiu o visto familiar.

Extrato 5 - O mais difícil eu acho que foi um pouco o emocional mesmo de se despedir. Eu acho que isso foi o mais difícil, o processo de emigrar. Tivemos muitas pessoas na família que apoiaram e muitas pessoas que também não apoiaram. Então, ter que se justificar para as pessoas, né, por que que você está saindo, foi difícil (P10,F,35).

Extrato 6 - O processo burocrático em si foi bastante simples, eu pedi o visto familiar. O visto saiu muito rápido, não teve muito problema (P10,F,35).

A percepção dessa temática de antes de tornar-se um emigrante se faz importante para compreendermos esse movimento completo, para adentrarmos em questões especificados do estudo como processos adaptativos e não adaptativos quando a alcunha de emigrante torna-se imigrante.

2. Facilitadores na Adaptação da vida imigrante.

A natureza do fenômeno da Imigração é muito plural, portanto, cada participante traz consigo uma riqueza nos seus percursos adaptativos (Becker, 2014). Nesse estudo, foi observado cinco estratégias facilitadoras para adaptação do imigrante brasileiro na Escócia, são elas: Língua local ser o inglês; vincular à vida na Escócia, vincular com a comunidades brasileiras; fazer psicoterapia e a manutenção das relações com o Brasil.

2.1. Língua local ser inglês

Todos os entrevistados mostraram a importância de saber a língua inglesa para melhor adaptação ao país destino, dos 17 entrevistados, 11 demonstraram facilidade com a língua inglesa e expuseram que tal feito foi fundamental para o processo de adaptação, conforme o observado os trechos abaixo:

Extrato 7 - Acho que uma coisa que facilitou um pouco, que eu falava um pouco de inglês, imagina se eu fosse para a Alemanha? Seria muito difícil para mim. Eu tenho amigos que moram em países que eles não falam a língua, porque é alemão ou dinamarquês ou uma coisa assim, e é bem difícil para eles. Você não se sente parte da coisa, porque você não consegue falar com as pessoas. Então, acho que isso facilitou um pouco. Não que eu fale inglês maravilhoso, não, mas eu sempre entendo, todo mundo me entende, e não preciso de ajuda para fazer as coisas, sabe? Então, isso é uma coisa que acho que faz muita diferença (P2,F, 42).

Outros participantes, confirmam o dito por Papademetriou (2008), expondo que a compreensão da língua local atravessa fatores sociais, laborais e de pertencimento.

Extrato 8 - o idioma certamente é o ponto número um de adaptação. Você saber se comunicar, você conseguir se comunicar em qualquer nível que seja, é fundamental para a adaptação, para você conseguir se sentir minimamente pertencente àquele lugar (P7,M,37).

Extrato 9 - Bom, a língua certamente contribui, mas eu não falo isso como experiência própria, eu falo isso como quando eu comparo com outro amigo que está com mais dificuldade de desenvolver o inglês. Porque eu olho e penso, isso está tirando oportunidade dessa pessoa. Mas pra mim veio naturalmente, porque eu já falava (P6, M,39).

Podemos relacionar com a revisão bibliográfica, onde Portes (1997), enfatiza que aprender a língua do local é um fator-chave para o processo de adaptação do imigrante, pois permite que o mesmo possa ter acesso a melhores oportunidades de emprego, salários mais vantajosos e maior mobilidade social.

2.2. Vincular à vida na Escócia

Vincular-se a vida na Escócia é uma estratégia adaptativa marcada por integração social, emocional e cultura. Observamos medidas relevantes dos imigrantes tais como fazer parte de um atividade religiosa, manter rotina de atividade física, participar da comunidade, relacionar-se com os escoceses, trabalhar na Escócia e por fim, a resiliência para construir esse novo lar. Podemos destacar essa estratégia, conforme o descrito pelos participantes:

Extrato 10 - Acho que igreja em todo lugar tem aquela cultura de igreja, que todo mundo tenta ser legal. Se por dentro são legais, eu não sei, mas pelo menos você tenta ser legal. Por fora faz esse ato de alguma maneira de dar suporte para os outros, né? Isso, de pensar, incluir, né? De fazer com que você se sinta incluído, né? Então, acho que isso me ajudou muito (P1,M,43).

Extrato 11 - O meu primeiro emprego mais estável, que era no museu, era uma equipe muito grande. Então, são mais de 70 pessoas na minha equipe, e as pessoas são muito amigáveis, porque a pessoa trabalha com um serviço de visitante, então, assim, são as pessoas que foram selecionadas para serem amigáveis. Então, isso foi muito importante, e tanto eu, quanto meu marido trabalhamos nesse cargo para a gente construir justamente nossa rede de amizades e se sentir acolhido e mais rápido, porque as pessoas receberam a gente muito de braços abertos (P10,F,35).

Extrato 12 - Comecei a ver mais o positivo também, porque eu acho que quando a gente tá mais frustrada, a gente começa a ver muito o negativo, o negativo das coisas. Então, eu comecei a olhar mais pro lado positivo, assim, a ver que como era bom estar aqui, aproveitar a oportunidade de estar aqui. Já que está aqui, vamos fazer bem, né, o que estamos fazendo. Começar a tentar conversar mais com as pessoas, se enturmar mais (P9, F,35).

Quanto aos processos envolvidos na vinculação ao lugar, podemos observar que podem ser cognitivos, afetivos ou comportamentais. No Caso desse vínculo com a Escócia, é percebido que permeado de questões de vários âmbitos, e reconhecendo a importância de o imigrante buscar suas intercessões com o país destino.

2.3. Vincular à Comunidade Brasileira.

Outra estratégia utilizada pelos participantes foi vincular com a comunidade brasileira. Infelizmente, não foi possível mensurar a quantidade de brasileiros que moram na Escócia, apesar da capital escocesa ter um consulado brasileiro, o mesmo iniciou o seu trabalho no ano passado e ainda não conta com essa informação. Segundo os mesmos, mensurar a comunidade brasileira na Escócia é desafiador, pois muitos imigrantes brasileiros possuem dupla cidadania atrapalhando tal contagem.

A maioria dos participantes entrevistados acreditam que a comunidade brasileira na Escócia é pequena, e somente dois participantes (P5, P6) acreditam que não é interessante vincular-se à uma comunidade brasileira, e não faz diferença para os mesmo ter ou não brasileiros no país destino. Os outros 15 participantes, acreditam que vincular-se à comunidade brasileira facilita na adaptação:

Extrato 13 - Eu gosto quando eu saio com um brasileiro, vamos tomar uma cervejinha junto, vamos conversar, tipo ano passado teve um churrasco aqui e eu falei, só vou convidar os brasileiros. Então, fica naquela coisa de só quero gente falando português, só quero música brasileira. Então, acho que é bom ter esse contato com a galera para continuar com a sua cultura, de estar ali com o pessoal da sua cultura falando a mesma língua, eu acho que é bom (P1,M,43).

Extrato 14 - assim, na hora que a situação aperta, eu acho que eles têm muito mais facilidade de entender a gente, da mesma cultura, a gente vai ter muito mais facilidade de entender o que o outro está passando do que um estrangeiro, assim, então, e a gente vai se sentir muito mais acolhida. Eu, quando eu estou mal, eu me sinto muito mais acolhida pelos amigos brasileiros do e do que pelo estrangeiro, que às vezes olha e nem consegue entender qual é a situação (P4,F,41).

Extrato 15 - No começo você fica perdido, você não sabe ainda se comunicar. Então, você conhecer pessoas do Brasil também ajuda, né? A você trocar algumas experiências, assim, como foi para você, como é que tá indo, onde você é, qual é o mercado que você vai, qual é a loja que você vai, onde você comprou, qual o tamanho da sua roupa, como é que olha o tamanho da roupa, sabe? (P9, F,35)

Esses trechos corroboram com enquadramento teórico realizado, Berry (1997) que coloca que um fator importante na adaptação adequada do imigrante é a manutenção do relacionamento com a comunidade de sua nacionalidade, pois as mesmas oferecem um suporte emocional culturalmente familiar, outro fator importante para adaptação é a manutenção das relações como Brasil.

2.4. Manutenção das relações com o Brasil

A penúltima estratégia facilitadora na adaptação da vida imigrante, foi a manutenção das relações com o Brasil, tal observação abrange a possibilidade de poder exercer a mesma profissão no Brasil, manter os hobbies, ter acesso a redes sociais e internet para comunicação com o Brasil e por fim, uma relação saudável com a família do praticante que compreende a escolha do mesmo e considera a Escócia o lar do entrevistado, para ilustrar essas estratégias, obtemos os trechos abaixo.

Extrato 16 - Eu acho que eu mantive todos os meus hobbies, que no geral meus hobbies são andar pela cidade com a minha câmera, tirar foto, escrever no meu blog, apesar de que nos últimos dois anos eu já não tenho escrito muito, porque há várias coisas acontecendo e eu estava sempre meio assim, então não estava escrevendo muito, mas ele existe. E cozinhar é uma coisa que eu adoro fazer e nunca parei (P2,F, 42).

Extrato 17 - Eu passei a jogar com amigos meus pela internet do Brasil. Curiosamente, eu voltei a jogar porque pessoas conhecidas daqui me chamaram para um grupo de jogos, que era um online, porque era no meio da pandemia. E aí eu falei, cara, por que eu não tô jogando com os brasileiros? E aí a gente voltou e eu comecei a jogar com eles e agora eu mantenho esse hobby que eu tinha anos e estava parado (P7,M,37).

2.5. Psicoterapia

Os participantes também identificaram como recurso que facilitou adaptação ao país destino, iniciar ou permanecer dentro de um processo psicoterapêutico.

Extrato 18 - Eu trabalho na terapia e isso pra poder entender, sabe, um pouco o porquê que aquilo tá acontecendo, o porquê que eles aqui agem daquela forma, sabe? Então, eu acho que criar círculos de amizades é um dos maiores desafios aqui, morando fora, sabe? (P8, M,34)

Extrato 17 - A terapia parece que também foi uma forma de se adaptar à vida aqui (P16, F, 43).

Finalmente, a última estratégia reconhecida para boa adaptação do imigrante é identificada nos estudos de Yakushko et al. (2008), que expõe a importância da psicoterapia auxiliando os processos adaptativos do imigrante, contribuindo no entendimento do sentimento de perda deixado no país origem e na busca em desenvolver resiliência diante dos desafios sentidos na vida imigrante.

3. Barreiras na Adaptação da vida imigrante.

Papademetriou (2008), expõe que na busca pela integração com o país destino alguns desafios são encontrados no âmbito cultural, social e econômico. Nesse estudo, foi observado três barreiras na adaptação do imigrante brasileiro na Escócia, são elas: o inverno, dificuldade na identificação da Escócia como verdadeiro lar, Desafios laborais e sociais na Escócia e aprender a língua inglesa.

3.1. Inverno

Para muitos imigrantes, o clima é algo novo e gerador de bastante impacto cultural (Searle e Ward, 1990). Nesse estudo, com imigrantes brasileiros, é percebido o quanto é desafiador sair de um clima tropical para um país com invernos longos e severos. É possível observar nos trechos abaixo tal dificuldade na adaptação ao clima.

Extrato 18 – Quando o inverno chegou, então, esse foi o primeiro baque que eu tive, Néa gente morava numa casa enorme, não tinha um sistema de aquecimento eficiente, então, você começa a lidar com aquela questão de falta de disposição, falta de motivação (P3,F,41).

Extrato 19 - Isso entristece a gente, o frio, a chuva, neve, oito meses quase de frio e dois, três meses de calor, no máximo, que não é nem um calor de verdade, é um calor mais ou menos. Então, isso mexe muito com o psicológico da gente (P9, F,35).

Extrato 20 - Então, assim, essa coisa de que é muito frio, é muito escuro. Eu não gosto do inverno, no sentido de que três horas da tarde está escuro. É complicado, chega uma hora que você já fica triste demais (P4,F,41).

Extrato 21 - Meu problema com o clima não é o frio, é a falta de sol (P6, M,39).

Extrato 22 - Você não sente frio, mas vai sentir falta do sol. Não tem sol. Não é uma questão de tempo de luz, porque no verão pode ter tempo de luz de 5 da manhã às 11 da noite, mas se não tiver sol, você fica deprimido. (P7,M,37).

Extrato 23- O que mais me pega no inverno não é nem tanto frio, mas é a escuridão. Para mim é a maior dificuldade e até hoje eu ainda sofro muito com isso, de tipo, todos os anos em janeiro e fevereiro eu digo quero ir embora daqui daí nessa época do ano. A escuridão, que tipo sai do trabalho às 5 da tarde e é noite, completamente escuro, para mim é a maior dificuldade daqui da Escócia (P11, F,38).

Com os trechos apresentados, é possível identificar que as temperaturas mais baixas ocupam esse lugar de desconforto, porém a escuridão do inverno provoca um sofrimento maior, vinculado à tristeza e sentimento de fuga.

3.2. Aprender a língua inglesa

Os outros seis entrevistados que não tinham esse contato com a língua inglesa inicialmente, perceberam a importância das habilidades em inglês, e se matricularam em escolas de idiomas, constantemente se arriscavam ativamente para aprender o inglês ou encontraram maneiras alternativas para a prática do idioma.

Nessa descrição abaixo é possível perceber tais afirmações o quanto não falar e/ou compreender a o inglês era uma fonte de estresse para os imigrantes, a barreira linguística afeta não somente a vida cotidiana, mas também a capacidade de interação social, a obtenção de emprego e a sensação de pertencimento (Goncalves,2014).

Extrato 24 - Mas eu confesso que o idioma sempre foi uma barreira para mim, no sentido de que eu sempre tive receio de que eu não ia conseguir um trabalho bom, porque o meu inglês não é bom o suficiente (P2,F, 42).

Extrato 25 - Então, eu só que assim, pra mim foi frustrante. Eu tive pânico, eu fiquei com medo, eu não conseguia sair de dentro de casa. Eu tinha medo de ir no mercado. Na verdade, eu tinha medo de a pessoa olhar pra mim e começar a tentar falar comigo, se referir, me dar um bom guia, que já me apavorava. Já me apavorava. Eu disse, não vou conseguir falar, não vou conseguir falar, eu não sei falar, não sei falar, então aí eu me fingi de surda (P9, F,35).

Extrato 26 - Mas a trajetória de vir para cá, aprender a língua, essa parte para mim foi a mais difícil, porque eu não falava inglês fluente, então foi meio complicado para mim no começo (P8, M,34).

Extrato 27 - então tinha aquela dificuldade de... e aquela sensação de parecer estúpida, no sentido de sempre ter um discurso raso, por causa da limitação da língua. Eu não estou falando do que eu quero falar, eu estou falando da forma como eu consigo falar, eu dou a volta, eu dou... Então tinha aquela coisa que ia fazendo um feedback, de me botar um pouquinho para baixo, se eu não consigo, me comunico (P3,F,41).

3.3. Desafios laborais e sociais na Escócia

Foi caracterizado por desafios laborais sociais na Escócia, como a mudança da atividade laboral para adequação à vida no país, assim como a lidar com as diferentes regras para conseguir um trabalho. E no campo dos desafios sociais, os problemas encontrados pelos imigrantes em relação à moradia, não conseguir fazer amigos escoceses e a dificuldade em lidar com as formas diferentes de se relacionar.

Logo abaixo, temos extratos dos entrevistados falando sobre os desafios laborais:

Extrato 28 - Acho que a primeira coisa foi a questão do trabalho, assim, de achar um trabalho que eu gostasse, porque no Brasil, como eu já tinha uma profissão, já tinha um trabalho consolidado, aí eu chego aqui e não tinha nada, começa do zero. Então essa coisa de trabalho foi uma adaptação para mim forte, porque eu não sabia exatamente o que eu queria fazer, e aí você meio que vai testando as coisas, começa num trabalho, vê se você gosta ou não. Então, isso pesou um pouco. Ainda pesa para mim, para falar a verdade. É isso, eu tive que me adaptar (P2,F, 42).

Extrato 29 - As aplicações para vagas de emprego, eu acho, porque é bem diferente do Brasil. Nossa, é muito diferente. Você tem todo um negócio para você fazer com o seu currículo. Aí tem aquela... Aí, meu Deus, odeio. Odeio essa parte de aplicações que você tem que fazer uma cover letter. Você já tem seu currículo, você vai ter entrevista. Por que você precisa de uma cover letter? E aí você tem que escrever e falar o quanto você ama aquilo, sabe? A aplicação, realmente, acho que a aplicação para vagas de emprego, ela... Nossa, mas... Depois que você pega o jeito, vai tranquilo. Mas o primeiro de todos, a primeira aplicação que você faz, a primeira cover letter, nossa, é horrível. Seu primeiro currículo é horrível. Tudo é horrível, tudo é uma dificuldade assim absurda, que difícil, mas depois que você pega o jeito e você se acostuma com isso, vai que vai, entendeu? Você fala assim, ah tá, é chato, é chato até hoje, não me leva mal, acho insuportável (P8, M,34).

Nesse trecho abaixo, o participante descreve a dificuldade e a frustração na busca da primeira moradia no país destino:

Extrato 30 - O meu apartamento foi um grande marco aqui, porque é muito difícil conseguir alugar um apartamento. Muito difícil alugar um apartamento. Como imigrante sem nenhum crédito na praça, como recém-chegado no país, então isso foi muito complicado. A gente foi em um apartamento horroroso, onde todos, eu, minha esposa, meus cunhados, e todas as dificuldades que nós tivemos nesse período foram bem difíceis. A gente não gostava, o bairro não era bom, isso foi muito ruim (P7,M,37).

E, por fim, a diferença sentida pelo participante em relação à diferente forma de se relacionar.

Extrato 31 - No Brasil, tu pega um ônibus pra ir pro trabalho, a pessoa que senta do teu lado começa a falar contigo, às vezes clica, não é sempre, mas às vezes clica e no final de semana vocês estão tomando uma cerveja junto. Aqui é todo mundo muito mais fechado, então acho que a frieza, não sei nem se é frieza, mas o jeito que eles são muito mais reservados para quem cresceu no Brasil, a diferença é essa parte de não ter, de não saber o nome do teu vizinho (P11, F,38).

Essas barreiras na adaptação, atrapalham diretamente o processo de aculturação do indivíduo, podendo acarretar dificuldade significativas ao longo da trajetória.

4. Aculturação

A aculturação, conforme teorizada por Berry (1992) envolve a maneira como o imigrante responde ao encontro de culturas distintas. Nesse estudo, buscamos entender como o

imigrante brasileiro se sentia em relação à esse processo. Com isso, identificamos durante a entrevista as quatro estratégias principais que são assimilação, integração, separação e marginalização. Para complementar esse mapeamento, durante as entrevistas, apareceu como destaque o esforço dos brasileiros manterem sua língua materna nas próximas gerações, portanto, acrescentamos tal conteúdo para análise.

4.1. Integração

A integração, segundo Berry (2005), é a melhor estratégia, pois o imigrante consegue manter aspectos da sua cultura originária enquanto consegue agregar novos aspectos da cultura do país destino, vivendo em melhor harmonia. Podemos identificar abaixo:

Extrato 32 - Eu gostei muito assim da cultura, eu gostei muito assim do estilo da comida, na verdade, assim, eu achei diferente. Nunca, primeiro contato que eu tive com o breakfast, eu nunca me imaginei estar gostando de comer. Hoje eu como tudo que tem num prato, eu adoro, adoro tudo, haggis principalmente, eu gosto. Então, quem olha, meu Deus, eu nunca me imaginei comendo um feijão num café da manhã. Mas continuo gostando do café da manhã do Brasil (P9, F,35).

Extrato 33 - Eu não tenho saudade da comida do Brasil, mas eu gosto muito de um pão de queijo, muito de uma feijoada, muito de uma coxinha, muito de um Guaraná. E eu tenho saudade do carnaval. Samba, eu gosto de samba, eu gosto de carnaval, gosto de batucada. Não gosto de multidão de carnaval, mas eu gosto do espírito do carnaval. Fora isso, eu gosto de frio, eu gosto de cultura, eu gosto de coisa velha, eu gosto de fazer tricô, eu gosto de cozinhar, receber gente em casa, eu gosto muito, muito da Escócia (P17, F,42).

Extrato 34 - Não é você trazer o Brasil pra cá, mas é você se adaptar a esse lugar sem perder a tua identidade, né? (P13, F,47).

Extrato 35 - Eu sou brasileiro, mas vivo aqui há muito tempo. Eu sou os dois. E eu acho que para os meus filhos, eu não quero que eles cresçam se sentindo que a metade de um é a metade do outro. Eu acho que eles são brasileiros, são escoceses, né? São inteiros. Eu gostei muito da analogia. Somos inteiros (P1,M,43).

Extrato 36 - Sou uma mistura, né? Eu me sinto muito uma mistura. Até porque eu tive outras vivências no exterior também, né? Eu me sinto uma pessoa muito misturada (P10,F,35).

É pontuado, que na integração, o sujeito possui uma maior resiliência com o novo, buscando se adaptar as possibilidades atuais. A participante ilustra muito bem abaixo:

Extrato 37 - Eu acho que é uma qualidade, que eu chego num lugar e já me adapto. Pode estar frio, pode estar calor, pode ser assim, pode ser a comida aí, eu já me adapto. Em duas horas, já me sinto assim, estou aqui, estou parte, está tudo bem para mim. E eu chego lá e aí é legal,

porque você já vê seus amigos, sua família, aquela coisa que você já está acostumado, você já sabe o que você vai encontrar, você já sabe, ah, eu vou ali comer aquela coisa, você já tem na cabeça, mas depois de uns dias, depois de duas semanas, eu já fico assim (P2,F, 42).

Nesse estudo, a integração teve maior prevalência. Entendendo assim, que os imigrantes brasileiros possuem uma tendência maior à integração, isso significa quem há uma pretensão na manutenção da cultura brasileira, enquanto há aspiração na integração da cultura escocesa.

4.2. Assimilação

Na Assimilação, há uma identificação grande com a cultura local fazendo o imigrante deixar sua cultura de origem para adotar completamente a cultura do país destino. Podemos observar abaixo trechos que afirmam esse maior adequação com a cultura anfitriã:

Extrato 38 - Eu me identifico muito mais com a Escócia, com certeza. Porque aqui você tem a oportunidade de ser quem você quer ser. Você não está se escondendo de ninguém, você não vai ser julgado pela sua família, você não vai ser julgado por amigos, você não vai ser julgado por ninguém, você está começando uma vida do zero, você pode ser realmente quem você quer ser ou você pode tentar ser uma outra pessoa, você pode tentar querer mudar um pouco, querer experimentar coisas novas (P8, M,34).

Extrato 39 - Eu me vejo pertencendo aqui. Eu consigo entrar nas conversas, eu consigo entender as piadas, acabar fazendo brincadeira com eles. As pessoas, o que elas são um humor muito peculiar. Então, eles são muito engraçados, eles são engraçados meio autodepreciativos, assim, eu acho muito legal (P12, F,37).

Extrato 40 - Eu danço dança escocesa, eu amo dançar dança escocesa, eu amo lidar com o público british, eu amo, eu amo a coisa da minha vizinha, às vezes eu pego carona com ela para ir dançar, ou para alguma coisa, e é assim 4h25, e aí é 4h25, eu sempre fui, ama formalidade entre aspas da organização que eu não acho formalidade, eu acho inteligência, né? Então, isso é uma coisa que me agrada muito (P13, F,47).

Extrato 41 - E quando eu mudei para cá, e eu já falei isso para outras pessoas, já conversando sobre isso, eu falei, eu queria fazer um dia aquele DNA, que você verifica de onde que é a sua genética, de onde você vem, porque eu não sei, eu acho que eu não sei, só deve ter ali um sangue Viking, qualquer coisa assim, porque eu sempre gostei de frio, eu sempre gostei, sabe? Então, assim, aqui eu me sinto em casa (P5,F,56).

Alguns trazem um forma mais rígida nessa estratégia de aculturação, conforme ilustrado abaixo:

Extrato 42 - Se eu tô num país, o que tem que prevalecer para manter a cultura do país é os nativos do país (P5,F,56).

Extrato 43 - Fui criado praticamente para não ser brasileiro, que é uma parada estranha, né? Pelo meu pai que é gringo e pela minha mãe que... Anyways... (P6, M,39).

4.3. Separação

A separação acontece quando o imigrante não faz esse movimento de buscar a cultura anfitriã, mantendo sua cultura e evitando interagir com meio (Berry et al., 1989).

Essa estratégia de aculturação foi pouco percebida durante as entrevistas, com baixa prevalência, trazendo somente pontuações bem específicas como a relação do escocês com o consumo do álcool.

Extrato 44 – Isso não é da minha personalidade, essa coisa excessiva do álcool, que eu acho que eles têm (P10,F,35).

4.4. Marginalização

A marginalização ocorre quando o imigrante não possui conexões com nenhuma das partes, nem do país de origem, nem o país destino, o que pode provocar um maior isolamento social. Podemos observar o trecho abaixo:

Extrato 45 - eu não me senti com saudade da Escócia, eu me senti meio sufocado no Rio de Janeiro, pra te meter a real foram cinco dias bem difíceis pra mim (P6, M,39).

4.5. Esforço para a manutenção da língua materna nas próximas gerações

Portes (1997) defende com veemência a manutenção da língua língua-mãe, sendo o mesmo um defensor o bilinguismo, o mesmo acredita na importância de estimular a manutenção ou aprendizado da língua mãe dos pais, pois dessa forma poderá ter o melhor dos dois mundo, não perder a cultura de origem familiar e assimilar a cultura do país destino.

Extrato 46 - mas uma coisa que eu fico um pouco triste é que a maioria das famílias brasileiras que eu conheço aqui, os filhos não falam português, os pais não falam português com os filhos, então esse seria um interesse grande para mim, de vamos botar nossos filhos juntos, pelo menos eles estão falando português, mas é isso que eu sinto falta na comunidade brasileira, pelo menos as pessoas que eu tenho mais contato, a maioria não fala português (P3,F,41).

Extrato 47 - A gente vê pessoas que de repente têm filhos e não ensinam a língua portuguesa para o filho. Não consigo entender (P13, F,47).

Extrato 48 - E eu tenho essa preocupação de se eu tiver um filho assim, o quanto que... e ainda mais ter um filho com um falante da língua inglesa, né? Não é que assim, uma coisa é você mudar com brasileiro e aí você vai falar português em casa porque o seu marido vai falar português, né? A minha situação é muito diferente. Então, eu quero construir um lar, mas eu quero uma criança que ela saiba que ela é brasileira, que ela tenha esse sentimento e se apresente como brasileira (P12, F,37).

Extrato 49 - Absolutamente, é assim, quando eles assistem televisão, eu tento colocar o que eles querem assistir em português para manter esse contato. A gente participou por um tempo o grupo Lusofonias, que é um grupo de portugueses e brasileiros aqui para crianças, mas a gente não ficou por muito tempo, mas eu sempre tento expor, falando com eles, lendo para eles em português, colocando televisão em português (P3,F,41).

Extrato 50 - Eu tentei muito no começo, como mais velho, aqui eu estudava full time, então eu tinha mais tempo de estar em casa, então eu sempre tentava falar em português com ele, então ele pegou mais o português. Ele entende, se você falar português com ele, ele entende tudo, mas ele sempre vai responder em inglês. O vocabulário dele em português é um pouco limitado, mas ele entende, tipo que quando a gente vai para o Brasil, né? Eles se viram com português, né? Não sei como, mas eles se viram, né? (P1,M,43)

Extrato 51 - Sim, porque como nós temos os parentes, as primas, todo mundo ficou no Brasil, então nós gostaríamos que continuasse tendo esse contato com a língua, porque quando a gente voltasse para visitar, para as férias, para ter esse momento em família, ela conseguisse fazer parte, ela não ficasse excluída, ela não ficasse assim, sobrando, não entendendo as coisas. A gente sabe que em algum momento, às vezes, não vai entender tudo, mas para que ela pudesse fazer parte e ainda não se sentir tão excluída ou isolada (P9, F,35).

Extrato 52 - E é importante também aprender outra língua, incentivar ele a aprender outras línguas, como eu falo para eu vou conversar com ele em francês, que não é a mesma coisa, mas ele fala mais do que... porque ele tem um filho mais velho e o filho mais velho tem esse sentimento, você não falava o francês comigo, então eu não aprendi. Eu quero que o nosso agora fale as duas línguas, as três línguas (P15, F, 45).

5. Envelhecimento

Um dos principais temas focados ao decorrer das entrevistas foram relacionados ao processo de envelhecer e de como os imigrantes percebiam esse fenômeno acontecendo, concomitantemente, com o processo migratório. Durante as entrevistas, conseguimos nos aprofundar na temática do idadismo nas formas subtil e flagrante, ausência do idadismo, a auto percepção do envelhecimento psicológico, biológico e social e por fim, a rejeição ao termo meia idade.

5.1. Idadismo subtil

O idadismo subtil tem como característica não ser intencional e mascarado de cuidado. Ele esta presente nas rotinas, e as pesquisas acompanharam a tendência de grande prevalência (Marques, 2011). Podemos ilustrar abaixo com as falas dos participantes, que não são falas de discrição explicita, mas acabam sendo suposições injustas sobre a capacidade do individuo estar somente ligada à sua idade.

Extrato 53 - Olha, eu vivo brincando que eu já tô velha. Que eu já tô velha, que eu já tô velha. Mas eu acho que eu tô na idade do adulto. Não tô na idade do velho ainda não, tô aguentando ainda alguma coisa (P16, F, 43).

Extrato 54 - Eu acho que eu ainda tenho energia para mudança, para coisas que exigem uma energia jovem (P12, F,37).

O idadismo subtil também se apresenta nesse lugar de negação do envelhecer, por acreditar que na velhice não é possível viver de forma leve e prazerosas.

Extrato 55 - Eu tô começando uma adolescência. Como o marido, a gente tem mais tempo para estar junto, então quando ele vai sair de manhã para trabalhar, ele vai sempre para a academia primeiro, depois ele vai trabalhar. Eu vou lá, Eu dou aquele beijinho de tchau, de amor, a gente toma o nosso café da manhã juntos, isso é sagrado para nós (P5,F,56).

Extrato 56 - A minha esposa continua falando pra mim que eu não sou mais uma criança, eu sou um adolescente. Mas eu me sinto uma pessoa jovem, eu tenho 43, 44, eu sempre me esqueço, eu tento esquecer (P1,M,43).

Nesse outro extrato, podemos perceber que a participante presume que a velhice é uma fase que não pode ser ótima, no trecho seguinte, outra participante relaciona o ser jovem com uma disposição e força:

Extrato 57 - Bem, eu vou falar que eu tô na velhice, não, eu acho que eu não sei dizer. Não, eu sinto que eu tô numa ótima fase, graças a Deus (P5,F,56).

Extrato 58 - Eu creio que quando você vem mais jovem, eu acho que tudo mais... Acho que existe uma disposição maior, uma força maior (P9, F,35).

5.2. Ausência do idadismo

Em contrapartida do idadismo, tivemos participantes que trouxeram no seu discurso uma ruptura com as ideias idadistas, conforme os trechos abaixo:

Extrato 59 - Acho que muito menos independente da idade, muito mais quem você é, dos seus

valores, da sua personalidade, como se encara as coisas (P17, F,42).

Extrato 60 - Eu nunca dei muita atenção para a idade, que eu sempre... eu já ouvi, até no Brasil, tinha algumas certas atitudes ou coisas que eu queria fazer e eu já ouvia pessoas mais novas do que eu, você já passou da idade, mas certa coisa não tem idade, você faz quando você tem vontade, ou quando pode, porque a gente no Brasil tem isso também, né? Muitas, muito poucas pessoas têm oportunidade quando eles são jovens e a maioria tem oportunidade quando eles começam a trabalhar Então, claro que a gente muda, comportamento muda, estilo muda, mas acho que é normal (P15, F, 45).

Extrato 61 - O meu chefe tem 30 anos. Ele tem 8 anos a menos do que eu, praticamente. Mas eu não vejo isso como sendo um fator que determine a competência, a qualidade e tudo mais. Eu não tenho dificuldades pela minha idade aqui. Pelo menos eu nunca percebi isso como uma dificuldade ou um benefício. Vai por dois lados (P7,M,37).

5.3. Auto Percepção do envelhecimento Psicológico, Social e Psicológico

O modelo biopsicossocial compreende que o individual precisa ser entendido em três dimensões, sendo elas: biológica, psicologia e social (Engel, 1977). Ao decorrer das entrevistas, podemos perceber conteúdos relacionados com essas autopercepção:

Extrato 62 - É uma coisa que te deixa incomodado, é um pouco estranho, né, porque eu noto mais quando eu volto em casa, no Brasil, porque quando eu saí de lá, deixei todo mundo novinho, né, todo mundo, a galera, todo mundo jovem, né, criança. Aí eu volto lá, quem era criança hoje tem filho, né, quem era adulto tem se atender, e eu falei, caramba, os anos estão... Esse pessoal tá ficando velho (P1,M,43).

Extrato 63 - Eu acho que eu tenho um pouco de dificuldade de lidar com as mudanças físicas essa idade cronológica, mas não me afeta na idade ainda (P3,F,41).

Extrato 64 - Achei que eu já tô velha, daqui a um dia eu vou ser vovó (P16, F, 43).

5.4. Idadismo flagrante

O preconceito Flagrante tem características bem delineadas, em relação à sua visibilidade, à sua intencionalidade e na prevalência, portanto, o preconceito Flagrante é obvio e direto, é intencional e acontece com menor frequência (Pettigrew e Meertens, 1995).

Como o esperado segundo a revisão bibliográfica, o idadismo sutil ficou bastante aparente, podendo ser observado em diversos trechos das entrevistas e o flagrante somente apareceu em uma fala que bem especifica em uma resposta da participante na questão sobre percepção de estar ou não na meia idade.

Extrato 65 - Não, não. Não tenho cara de vó ainda (P5,F,56).

5.5. Rejeição a meia idade

No decurso das entrevistas, e quando a conversa se desenvolveu em torno do que caracteriza meia- idade, alguns participantes demonstraram desconforto com o termo e a aproximação do mesmo. Segundo a literatura, colocado por Antunes e Silva (2013) realmente há uma resistência em perceber o início dessa etapa, pois encontra-se em um lugar sombrio. É possível perceber essa fuga, com os trechos abaixo:

Extrato 66 -Ah, não é não. Como? Eu quero que a minha meia-idade seja lá para os 55, para os 110, assim, que aí parece interessante (P7,M,37).

Extrato 67 - Nunca tinha pensado nisso, nunca tinha ouvido isso. A minha ideia de meia-idade era 60. Não sei, para mim é novidade. Mas, né, faz sentido, né, meia-idade, se você pensar ao pé da letra sobre o que o termo significa. Eu não sei, assim... Eu não sei essa resposta, estou achando meio difícil essa pergunta (P2,F, 42).

Corroborando Lynch (2000), os trechos a seguir demonstra a ansiedade quando se coloca a possibilidade da meia- idade:

Extrato 68 - É difícil para mim ouvir meia-idade porque eu me sinto muito jovem ainda. E também eu acho que tem um viés forte também porque eu sempre pareci mais jovem, então eu pareço muito jovem. Então eu incorporo um pouco isso às vezes (P10,F,35).

Extrato 69- eu aceito, mas eu ainda me sinto jovem para a minha idade. Eu acho que, sei lá, quando eu passar os 40, talvez eu aceitei para a minha idade (P12, F,37).

Outro forma de lidar com a rejeição ao processo de envelhecer é a defesa da juventude, segundo Antunes e Silva (2013). O extrato seguinte é ilustrativo:

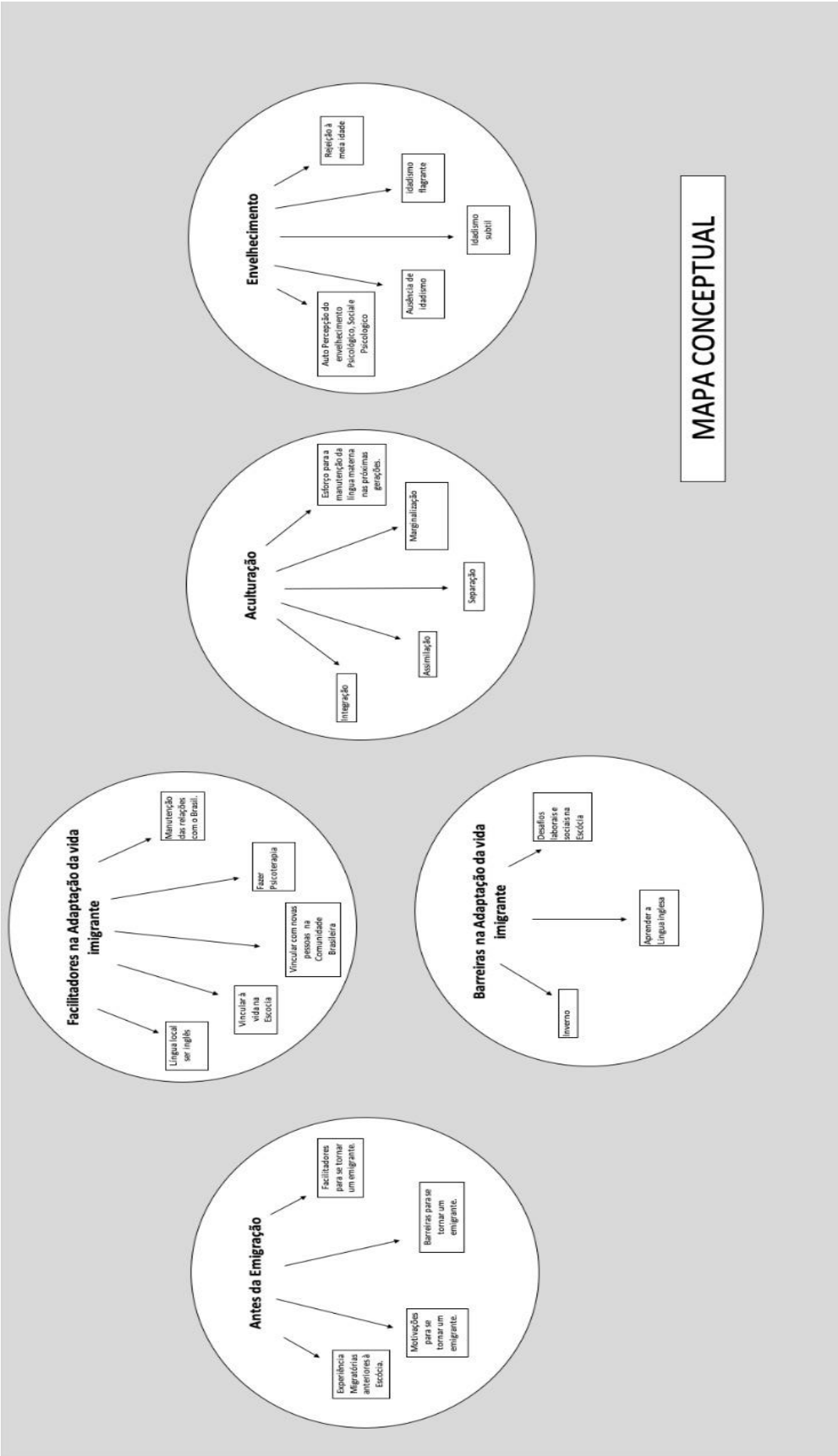
Extrato 70 - Eu gosto de pensar que eu ainda estou na minha juventude (P8, M,34).

Extrato 71 - Eu quero acreditar que eu ainda tô uma adulta jovem, mas se for pensar pela minha idade, eu sei que eu já tô na meia-idade, porque já tá tipo... provavelmente metade da minha vida já passou (P11, F,38).

Extrato 72 - Mas mesmo assim, às vezes eu me sinto um pouco com 25 anos, na verdade, porque 25 anos é aquela idade que você tem o seu compromisso, claro, com os seus estudos, com as pessoas, com o seu trabalho, independente de ser sua carreira ou não, se você está trabalhando, você tem que se comprometer naquele trabalho, mas você está livre, se você quiser mudar de trabalho, de relacionamento, de CEP, você muda (P2,F, 42).

No final desse capítulo, encontra-se o mapa conceptual. (figura 2)

(figura 2) – Modelo Conceptual



CAPÍTULO V

Discussão e Conclusão

Imigração e envelhecimento são fenômenos sociais, que quando observados pela perspectiva da Psicologia social, evidenciam desafios e adaptações únicas para indivíduos.

O objetivo deste estudo foi compreender os processos de adaptação dos imigrantes brasileiros que optaram por criar raízes na Escócia enquanto vivenciam o processo de envelhecer, explorando as consequências das interações desses dois fenômenos. Focamos em temas como processos adaptativos, aculturação e idadismo, que foram muito pertinentes para o presente estudo. Deste modo, adotamos uma abordagem relacional, que nos permitiu considerar cada vivência. Construímos então, com base na literatura, três questões de investigação que direcionam a investigação: 1) “Como são percebidas as estratégias adaptativas na aculturação dos imigrantes brasileiros 35+ na Escócia?” ; 2) “Haverá uma percepção de melhor estratégia utilizada para um melhor adaptação dessa comunidade de imigrantes?” ; 3) “De que modo é percebido o idadismo em relação ao envelhecimento pelos imigrantes brasileiros, 35+ na Escócia?”

Assim, através das entrevistas , concluímos que os imigrantes brasileiros, apesar de possuírem vivências únicas, possuem também várias intercessões em relação aos processos adaptativos e não- adaptativos. Concordando assim, com a literatura que expõe em Becker (2014) a pluralidade do fenômeno de imigração e a riqueza do individuo buscar os percursos adaptativos. Um desses pontos de intercessão, foi que a maior parte dos nossos participantes já havia realizado movimentos migratórios antes de buscarem a Escócia como país destino e no que tange as motivações para tornar-se emigrante, tivemos quase equilíbrio entre duas respostas: buscar melhores condições de vida no âmbito social e financeiro para si mesmo e para familiares e acompanhar o(a) companheiro(a). Tal feito, foi apontado por alguns participantes como uma maior facilidade em se adaptar à Escócia.

Para Searle e Ward (1990), o clima muito diferente do país natal impacta diretamente na adaptação dos imigrantes, e de acordo com as respostas dos participantes da pesquisa, a maior dificuldade enfrentada por eles foi o fator climático. Relatam que lidar com as temperaturas mais baixas não é o mais complicado, o mais desafiador é lidar com os invernos longos e escuros, entendendo que os mesmos trazem um ruptura grande com o clima tropical do Brasil. Outro fator desafiador, para alguns imigrantes brasileiros, foi o domínio da língua. Muitos imigraram com a fluência em inglês, mas alguns entrevistados relataram o quanto foi complexo aprender a língua. Porém todos os participantes identificaram que saber falar a língua local facilita à adaptação e

estão em busca desse sentimento de pertencer.

Portanto, conseguimos identificar através das entrevistas, que a maioria dos imigrantes buscam estratégias integrativas com a Escócia, querendo torna-la um lar, e assim buscando possibilidades para lidar com as barreiras sentidas e usufruindo das facilidades na adaptação no processo migratório.

Outro fator interessante ressaltado nas entrevistas, foi a percepção que ao mesmo tempo que os imigrantes desejam pertencer à Escócia, buscando uma identificação com lugar e com as pessoas, eles percebem que manter as relações com o Brasil e com a brasilidade, é benéfico para uma melhor adaptação. Durante as entrevistas, outro ponto que podemos compreender que é um movimento mais ativo dos imigrantes em relação à busca por pertencer ao país destino, pois é possível perceber no discurso pouca cobrança à Escócia e aos escoceses. Portanto, a aceitação dos escoceses não apareceu ser um fator condicional para adaptação desse grupo. Outro ponto observado, foi uma postura resiliente na maioria do imigrantes, mesmo nas barreiras na adaptação, foi entendido que os mesmos estão buscando medidas adaptativas para lidar com os desafios. O que explica o eficiente processo de aculturação, visto que na contribuição teórica de Sam e Berry (2006) identifica que pessoas ou grupos de se adaptam bem, tem mais facilidade de aculturar bem, demonstrando bem estar psicológico.

Os resultados desse estudo, no que diz respeito ao processo de aculturação, apresentam consonância com a literatura. Sam e Berry (2006) propõem que a estratégia de integração é a mais adaptável em múltiplos cenários e está diretamente ligada à melhor adaptação psicológica e sociocultural. E foi a forma que percebemos que esse grupo de imigrantes brasileiros se comportam. Durante as entrevista, foi percebido que há uma tendência na manutenção da cultura brasileira, de uma forma protecionista, porem também há um desejo genuíno de pertencimento e integração à cultura escocesa. Outro fator bastante interessante observado na aculturação, foi a tentativa dos participantes na preservação da língua-mãe para próximas gerações, defendido por Portes (1997) como uma forma eficiente de não perder a cultura familiar.

Em relação, a terceira questão de investigação, foi identificado idadismo sutil. O que demonstra concordância com a literatura apresentada. Sabendo que o idadismo sutil refere-se a comportamentos que são discriminatórios, porém como não são explícitos, acabam passando despercebidos em falas com conotação de divertimento ou falas protetivas (Marques, 2011). Dessa forma, percebemos que muitos participantes, de maneira não intencional, usaram conteúdos idadistas, principalmente em relação à chegada na meia idade. Também foi possível observar uma ansiedade nos participantes quando questionados sobre meia idade, ora fazendo comentários idadistas subtis, ora optando pela negação e pela fuga. Tais pontos foram identificados na

literatura, em Antunes e Silva (2013) corroborado por Lynch (2000).

Além da grande prevalência do idadismo subtil, nas entrevistas também tivemos a ausência de idadismo, onde alguns participantes trouxeram falas com conteúdo igualitário, respeitando a individualidade do sujeito, independente da idade.

Ainda que várias conclusões tenham implicação teóricas e praticas, foram identificadas algumas limitações neste estudo. Por termos optado por um recolha de dados voluntários, tivemos uma amostra maior de mulheres, consideramos que a dificuldade em encontrar mais participantes do gênero masculino pode ter tido implicações na investigação, pois seria mais proveitoso para o estudo termos um equilíbrio nesse quesito. Outro ponto de limitação, foi não termos uma mensuração da quantidade média de brasileiros que moram na Escócia, nem em órgãos brasileiros e nem em escoceses, o que nos fez perceber o quanto se fazer necessário dar maior visibilidade para essa comunidade.

Finalmente, os resultados desta investigação contribuem para o entendimento de adaptação, aculturação e idadismo, abrindo um campo importante de pesquisa da população brasileira que encontra-se em diversos países desse mundo e que estão vivenciando dois fenômenos sociais, de imigrar e envelhecer. Fomos surpreendidos pela pouca quantidade de estudos de imigrantes brasileiros pelo mundo, pois segundo os dados do documento elaborado pelo Ministério das Relações Exteriores intitulado “ Comunidades brasileiras no exterior” (2022) são quase 5 milhões de brasileiros que residem fora do Brasil. Acredito que essa dissertação possa abrir maiores possibilidades de estudo, e de alguma forma pode auxiliar as comunidades de brasileiros que desejam manter sua cultura, sua língua e brasilidade para próximas gerações, e que mesmo que tenham o intuito de envelhecer e enraizar em terras escocesas, possam não perder ao longo desse percurso sua brasilidade e sua identificação com suas origens.

Referências Bibliográficas

- Antunes, P. de C., & Silva, A. M. (2013). Elementos sobre a concepção de Meia-Idade no processo de envelhecimento. *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(3), 123–140.
<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/18926>
- Appleyard, R. (1991). International migration: Challenge for the nineties. IOM.
- Araújo, A., (2017). A Escala de Aculturação Integral: Um olhar Integral em aculturação e satisfação com a vida em imigrantes. <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3887>
- Baganha, M. I. (2009). The Lusophone migratory system: Patterns and trends. *International Migration*, 47(3), 5-20. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2435.2009.00522.x>
- Barber, S.J., & Tan, S.C. (2018). Ageism Affects the Future Time Perspective of Older Adults. <https://doi.org/10.1024/1662-9647/a000189>
- Becker, A. P. S. (2014). Famílias sem fronteiras: Dimensões psicossociais da migração no ciclo de vida familiar [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina].
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/132465>
- Berry, J.W., Kim, U., Power, S., Young, M. & Bujaki, M. (1989), Acculturation Attitudes in Plural Societies. *Applied Psychology*, 38: 185-206. <https://doi.org/10.1111/j.1464-0597.1989.tb01208.x>
- Berry, J. W. (1992). Acculturation and adaptation in a new society. *International Migration*, 30, 69-85. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2435.1992.tb00776.x>
- Berry, J. W. (1997). Immigration, acculturation, and adaptation. *Applied Psychology: An International Review*, 46, 5–34.
<https://doi.org/10.1111/j.1464-0597.1997.tb01087.x>
- Berry, J. W. (2005). Acculturation: Living successfully in two cultures. *International Journal of Intercultural Relations*, 29(6), 697-712. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2005.07.013>
- Berry, J. W. (2006). Mutual attitudes among immigrants and ethnocultural groups in Canada. *International Journal of Intercultural Relations*, 30, 719–734.
<https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2006.06.004>
- Berry, J. W., & Hou, F. (2016). Immigrant acculturation and wellbeing in Canada. *Canadian Psychology*, 57(4), 254–264. <https://doi.org/10.1037/cap0000064>
- Braun, V., & Clarke, V. (2013). Successful qualitative research: A practical guide for beginners. Sage.
- Bueno, A. M. (2011). Representações discursivas do imigrante no Brasil a partir de 1945. [Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo]. [doi:10.11606/T.8.2011.tde-17042012-145810](https://doi.org/10.11606/T.8.2011.tde-17042012-145810)
- Cabassa, L. J. (2003). Measuring acculturation: Where we are and where we need to go. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 25(2), 127-146. <https://doi.org/10.1177/0739986303025002001>
- Carstensen, L. L., Turan, B., Scheibe, S., Ram, N., Ersner-Hersfield, H., Samanez-Larkin, G. R., Brooks, K. P., & Nesselroade, J. R. (2011). Emotional experience improves with age: evidence based on over 10 years of experience sampling. *Psychology and aging*, 26(1), 21–33.
<https://doi.org/10.1037/a0021285>
- Cary, L. A., Chasteen, A. L., & Remédios, J. (2017). The ambivalente ageism scale: Developing and validating a scale to measure benevolent and hostile ageism. *The Gerontologist*, 57, 27-36.
<https://doi.org/10.1093/geront/gnw118>
- Cohen, R. (2003). Global Diasporas An Introduction. Routledge. New York.
<https://doi.org/10.4324/9781003256526>
- Comissão Mundial Sobre as Migrações Internacionais (CMMI). (2005). As migrações num mundo interligado: Novas linhas de acção. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cuellar, I., Arnold, B., & González, G. (1995). Cognitive referents of acculturation: Assessment of cultural constructs in Mexican Americans. *Journal of Community Psychology*, 23, 339–355.
[https://doi.org/10.1002/1520-6629\(199510\)23:4<339::aid-jcop2290230406>3.0.co;2-7](https://doi.org/10.1002/1520-6629(199510)23:4<339::aid-jcop2290230406>3.0.co;2-7)

- Debert, G., (1999). A reinvenção da velhice. Editora da Universidade de São Paulo : FAPESP
- Drury, L., Abrams, D., Swift, H. J., Lamont, R. A., & Geracova, K. (2017). Can caring create prejudice? An investigation of positive and negative intergenerational contact in care settings and the generalisation of blatant and subtle age prejudice to other older people. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 27, 65-82. <https://doi.org/10.1002/casp.2294>
- Engel, G. L. (1977). The need for a new medical model: A challenge for biomedicine. *Science*, 196(4286), 129-136. <https://doi.org/10.1126/science.847460>
- European Social Survey. (2009). European Social Survey: Round 4 Data. <https://www.europeansocialsurvey.org/>
- Fairchild, H. P. (1925). Immigration: A world movement and its American significance. Macmillan. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 121(1), 195-196. <https://doi.org/10.1177/0002716225121001>
- Glick Schiller, N., & Salazar, N. B. (2013). Regimes of mobility across the globe. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 39(2), 183-200. <https://doi.org/10.1080/1369183X.2013.723253>
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, 35(2), 57-63. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000200008>
- Gonçalves, F. L. C. (2014). A imigração brasileira e a situação social em Portugal (Monografia de licenciatura, Universidade Fernando Pessoa). <http://hdl.handle.net/10284/4281>
- Gordon, M. M. (1964). Assimilation in American life: The role of race, religion, and national origins. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1177/003776866501200>
- Gusmão, N. M. (2003) Infância e velhice: Pesquisa de ideias. Alínea. (pp. 15-32).
- Hagestad, G. O., & Uhlenberg, P. (2005). The social separation of old and young: A root of ageism. *Journal of Social Issues*, 61(2), 343-360. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2005.00409.x>
- Hareven, T. K. (1994). The history of the family and the complexity of social change. *The American Historical Review*, 99(1), 95-124 <https://doi.org/10.2307/2164019>
- Herskovits, M. J. (1958). The human factor in changing Africa. Knopf. <https://doi.org/10.4324/9781315017266>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2022). Censo demográfico 2022: Resultados preliminares. Rio de Janeiro: IBGE. <https://www.ibge.gov.br>
- Iversen, T. N., Larsen, L., & Solem, P. E. (2009). A conceptual analysis of ageism. *Nordic Psychology*, 61, 4-22. <https://doi.org/10.1027/1901-2276.61.3.4>
- Lavrador, D. M. F. (2020). O efeito das representações de envelhecimento na autoavaliação global da saúde e na prática de atividade física, por parte de pessoas idosas [Dissertação de mestrado, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa]. <http://hdl.handle.net/10071/21141>
- Lynch, S. M. (2000). Measurement and prediction of aging anxiety. *Research on Aging*, 22, 533-558. <https://doi.org/10.1177/0164027500225004>
- Marques, S. (2011). Discriminação da terceira idade. Relógio D'Água Editores.
- Massey, D. S., Arango, J., Hugo, G., Kouaouci, A., Pellegrino, A., & Taylor, J. E. (1993). Teorias da migração internacional: Uma revisão e avaliação. *Population and Development Review*, 19(3), 431-466. <https://doi.org/10.2307/2938462>
- Merriam, S. B. (2009). Qualitative research: A guide to design and implementation. Jossey-Bass.
- Ministério das Relações Exteriores. (2022). Comunidades brasileiras no exterior. Brasília, DF: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/porta-consular/comunidade-brasileira-no-exterior-2013-estatisticas-2022>
- National Records of Scotland. (2022). Scotland's census 2022: Results. <https://www.scotlandscensus.gov.uk>
- Nelson, T. D. (2005). Ageism: Prejudice against our feared future self. *Journal of Social Issues*, 61, 207-221. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2005.00402.x>
- Organização das Nações Unidas (ONU). (1953). *United Nations Demographic Yearbook* Nova York: United Nations. <https://doi.org/10.18356/98d9b664-en-fr>

- Organização das Nações Unidas (ONU). (2013). International migration policies , pp 23-28 New York: ONU. <https://doi.org/10.18356/b27981d9-en>
- Organização das Nações Unidas (UN). (1998). Current status of the collection of international migration statistics Nova York: United Nations. <https://doi.org/10.18356/342d8e0e-en>
- Organização Internacional para as Migrações (OIM). (2011). World Migration Report 2011: Communicating effectively about migration. Genebra: OIM. <https://doi.org/10.18356/9d5f5f1b-en>
- Papademetriou, D. G. (2008). A Europa e seus imigrantes no século XXI. Fundação Luso-Americana.
- Patton, M. Q. (2015). Qualitative research & evaluation methods (4ª ed.). Sage.
- Petersen, W. (1958). A general typology of migration. *American Sociological Review*, 23(3), 256-266. <https://doi.org/10.2307/2089239>
- Pettigrew, T. F., & Meertens, R. W. (1995). Subtle and blatant prejudice in Western Europe. *European Journal of Social Psychology*, 25(1), 57-75. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420250106>
- Portes, A. (1997). Immigration theory for a new century: Some problems and opportunities. *International Migration Review*, 31(4), 799-825. <https://doi.org/10.1177/0197918397031004>
- Ramalho, J. P. (2001). Contributo para a compreensão do desenvolvimento psicológico dos jovens portugueses com experiência migratória [Tese de doutorado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação]. <http://hdl.handle.net/10451/42445>
- RATS Guidelines. (n.d.). Qualitative research review guidelines.
- Sam, D. L., & Berry, J. W. (2006). The Cambridge handbook of acculturation psychology. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511489891>
- Searle, W., & Ward, C. (1990). The prediction of psychological and sociocultural adjustment during cross-cultural transitions. *International Journal of Intercultural Relations*, 14(4), 449-464. [https://doi.org/10.1016/0147-1767\(90\)90030-Z](https://doi.org/10.1016/0147-1767(90)90030-Z)
- Stuckelberger, A., Abrams, D., & Chastonay, P. (2012). Age discrimination as a source of exclusion in europe: The need for a human rights plan for older persons. In S. Thomas & K. Norah (Eds.), From exclusion to inclusion in old age: A global challenge. Bristol, UK: The Policy Press. (pp. 125- 144). <https://doi.org/10.1332/policypress/9781847427731.003.0008>
- Whittemore, R., Chase, S. K., & Mandle, C. L. (2001). Validity in qualitative research. *Qualitative Health Research*, 11(4), 522-537. <https://doi.org/10.1177/104973201129119299>
- Yakushko, O., Watson, M., & Thompson, S. (2008). Stress and coping in the lives of recent immigrants: A grounded theory model. *International Journal for the Advancement of Counseling*. <https://doi.org/10.1007/s10447-008-9054-0>

Anexo A – Guião de entrevista

Perguntas Chave	Perguntas pista
Levantamento Sociodemográfico	
Qual é a sua idade? Você tem filhos e/ou netos?	Como você se sente nessa idade? Seus filhos nasceram aqui? Eles falam português? Você acredita ser importante manter a língua portuguesa?
Qual é a sua escolaridade? Qual é a sua atividade laboral? Era a mesma no Brasil?	Tem vontade de voltar para sua atividade laboral no Brasil?
Qual é o status de relacionamento?	
Qual é a cidade que mora atualmente?	
Percurso da Vida	
Você consegue enumerar seis momentos principais da sua vida até agora?	Podem ser momentos bons ou ruins.
Considera-se uma pessoa de meia idade? o que isso significa para si?	Como você se sente quando falamos sobre meia idade?
Você acha que foi diferente de imigrar na sua idade?	
Você planeja envelhecer na Escócia?	Como é pensar nesse processo de envelhecer?
Imigração	
Como você escolheu a Escócia para país destino?	
Quais fatores te motivaram a imigrar?	
Você imigrou sozinho ou acompanhado?	
Quais foram as maiores dificuldades no processo?	Você acha que seu processo foi linear?
Quais foram as maiores facilidades no processo?	O que você gostou logo no início?
O que acha de ser uma pessoa da sua idade na Escócia? Quais são os Principais desafios e oportunidades?	Você acredita que as pessoas na sua idade no Brasil, vivem da mesma forma que você?
Suas características pessoais combinam com a cultura da Escócia?	
Construção do Lar	
O que precisa para ser ter lar?	Pode ter aspectos físicos ou afetivos.
Como você definiria o seu lar no Brasil?	Pode ter aspectos físicos ou afetivos.
Quais fatores foram importantes para construção do seu lar?	
Quando você pensar em Brasil, o que vem na sua mente?	Pode ser a primeira coisa que aparece na cabeça.
Quando você pensar em Escócia, o que vem na sua mente?	Pode ser a primeira coisa que aparece na cabeça.
Quando você sentiu que estava em casa?	Como foi sentir isso?
A sua família sente a Escócia como lar?	E para você, isso torna as coisas mais fáceis ou mais difíceis?
Você acredita que facilita o seu familiar gostar de morar na Escócia?	E para você, isso torna as coisas mais fáceis ou mais difíceis?
Você acredita que teria tido uma adaptação mais fácil se tivesse imigrado para outro destino?	Qual destino?
Ações Adaptativas	
Você manteve algum hobbies que fazia no Brasil?	É importante para você manter esses hobbies?
Como se sente em relação ao inglês da Escócia?	Você tinha contato com a língua inglesa antes? Foi

	desafiador esse momento?
Você tem rede de amigos na Escócia? Qual é a nacionalidade dos seus amigos?	Você acha diferente ter amigos de outras nacionalidades? Quais são as diferenças?
Quando você se sentiu integrado?	
O que você mais sente falta do Brasil?	
você já viajou ao Brasil depois de imigrar? O que você sentiu? Sentiu falta da Escócia?	
Consegue me citar 5 coisas que contribuíram para a sua adaptação?	
Você acha que possui muitos brasileiros na Escócia? Isso faz diferença para você?	

Anexo B – Termo de Consentimento

Consentimento Informado

O presente estudo surge no âmbito de uma dissertação do mestrado de Psicologia Social e das Organizações, a decorrer no **Iscte – Instituto Universitário de Lisboa**.

O estudo tem como objetivo compreender a construção do conceito de lar dos imigrantes brasileiros em terras escocesas. A sua participação no estudo, que será muito valorizada, irá contribuir para um avanço neste domínio do conhecimento, e consiste em participar numa entrevista, com a duração de cerca de uma hora, na qual realizaremos pela Plataforma Zoom. O áudio da entrevista será gravado para que a mesma possa ser transcrita e, posteriormente analisada.

O Iscte é o responsável pelo tratamento dos seus dados pessoais, recolhidos e tratados exclusivamente para as finalidades do estudo, tendo como base legal o seu consentimento (art. 6o, no1, alínea a) do Regulamento Geral de Proteção de Dados).

O estudo é realizado por Gabriela Panfili Menicucci (gabriela_menicucci@iscte-iul.pt), sob orientação da Professora Doutora Sibila Marques (sibila.marques@iscte-iul.pt), que poderá contactar caso pretenda esclarecer uma dúvida, partilhar algum comentário ou exercer os seus direitos relativos ao tratamento dos seus dados pessoais. Poderá utilizar o contacto indicado para solicitar o acesso, a retificação, o apagamento ou a limitação do tratamento dos seus dados pessoais.

A participação neste estudo é **confidencial**. Os seus dados pessoais serão sempre tratados por pessoal autorizado vinculado ao dever de sigilo e confidencialidade. O Iscte garante a utilização das técnicas, medidas organizativas e de segurança adequadas para proteger as informações pessoais. É exigido a todos os investigadores que mantenham os dados pessoais confidenciais.

Além de confidencial, a participação no estudo é estritamente **voluntária**: pode escolher livremente participar ou não participar. Se tiver escolhido participar, pode interromper a participação e retirar o consentimento para o tratamento dos seus dados pessoais em qualquer momento, sem ter de prestar qualquer justificação. A retirada de consentimento não afeta a legalidade dos tratamentos anteriormente efetuados com base no consentimento prestado.

Os seus dados pessoais serão conservados por um período de, no máximo, 12 meses, após o qual serão destruídos ou anonimizados, garantindo-se o seu anonimato nos resultados do estudo, apenas divulgados para efeitos estatísticos, de ensino, comunicação em encontros ou publicações científicas.

Não existem riscos significativos expectáveis associados à participação no estudo. No entanto, ser-lhe-á facultado o contacto de uma associação que oferece serviços de apoio psicológico, caso sinta algum desconforto no final da entrevista.

O Iscte não divulga ou partilha com terceiros a informação relativa aos seus dados pessoais. O Iscte tem um Encarregado de Proteção de Dados, contactável através do email dpo@iscte-iul.pt. Caso considere necessário tem ainda o direito de apresentar reclamação à autoridade de controlo competente – Comissão Nacional de Proteção de Dados.

Declaro ter compreendido os objetivos de quanto me foi proposto e explicado pela investigadora, ter-me sido dada oportunidade de fazer todas as perguntas sobre o presente estudo e para todas elas ter obtido resposta esclarecedora. Aceito participar no estudo e consinto que os meus dados pessoais sejam utilizados de acordo com as informações que me foram disponibilizadas.

Sim o Não o

_____ (local), ____/____/____ (data)

Nome: _____

Assinatura

